

RICHARD SIMONETTI

Setenta Vezes Sete

RICHARD SIMONETTI



Setenta Vezes Sete

SETENTA VEZES SETE

Richard Simonetti



Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro

Simonetti, Richard Setenta vezes sete /Richard Simonetti. -São Paulo: CEAC,2002.

... o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, tendo por exclusiva autoridade a sua palavra.

Cabia-lhe dar cumprimento às profecias que lhe anunciaram o advento; a autoridade lhe vinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina.

Ele viera ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra e sim a que é vivida no Reino dos Céus.

Viera ensinar-lhes o caminho que a esse reino conduz, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de sentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos.

Allan Kardec, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo I

SE VOCÊ PERDOAR

Hipérbole é uma expressão exagerada, que engrandece ou diminui a realidade. Jesus a usou, freqüentemente, em frases famosas:

- Mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus (Marcos, 10:25);

- Se a tua mão é motivo de escândalo, corta-a. Melhor é entrares na Vida aleijado do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno (Marcos, 9:43);

- Virão os anjos e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fôrnelha de fogo, onde haverá pranto e ranger de dentes (Mateus, 13:49-50);

- A qualquer que tiver, lhe será dado, e a qualquer que não tiver, até o que parece ter lhe será tirado (Lucas, 8:18);

- Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis as vossas pérolas aos porcos, para que não suceda que as pisem e, voltando-se contra vós, vos dilacerem (Mateus, 7:6).

O objetivo era chamar a atenção e fixar o ensinamento, em determinado contexto.

Tal a expressão “não sete vezes, mas setenta vezes sete”, com que o mestre respondeu a Simão Pedro, quando lhe perguntou quantas vezes deveria perdoar seu irmão (Mateus, 18:22).

O mestre enfatizava que não construiremos nada de bom na sociedade terrestre, enquanto não aprendermos a relevar o próximo, em seus deslizes.

. Quando o fazemos, incondicionalmente, tantas vezes quantas nos perturbe nosso irmão, conservaremos, a própria integridade, evitando atritos e desgastes que nos perturbam; isso quando não desembocam em ações intempestivas, que complicam a jornada humana.

Penso, também, nos benefícios do perdão, que se exprime na tolerância, como instrumento altamente eficaz para o alargamento de nossos horizontes.

Um exemplo, leitor amigo:

Se você perdoar, até o ilimitado sugerido pela expressão evangélica, os deslizes deste escriba, na apreciação deste livro...

Se sustentar o interesse, até a última página, algo acrescentará, espero, aos seus conhecimentos sobre a vida de Jesus.

De quebra, exercitará inestimável virtude evangélica:

A persistência!

*** **

Estabeleço continuidade, aqui, aos comentários em torno da vida de Jesus, desdobrados em quatro obras anteriores:

“Paz na Terra”, do nascimento ao início de seu apostolado.

“Levanta-te!”, primeiro ano.

“Tua Fé te Salvou!”, segundo ano.

“Não Peques Mais!”, parte do terceiro ano.

Notará, o leitor que me acompanha, o empenho em estabelecer uma cronologia, desde as circunstâncias que marcaram o nascimento de Jesus.

Não obstante, embora tenhamos uma história desdobrada em vários volumes, cada um deles encerra seus próprios enfoques, relacionados com determinado período da epopéia evangélica.

Neste livro acompanhamos as últimas ações de Jesus, antes do Drama do Calvário, que pretendo

comentar no próximo e derradeiro volume desta série.

A idéia, como tenho ressaltado, é oferecer ao leitor uma reflexão em torno dos principais episódios, acompanhando a trajetória do Celeste Mensageiro.

E o primeiro passo, em favor da vivência cristã, no trânsito glorioso para uma existência mais feliz e produtiva.

Bauru SP, junho de 2002.

LAMEQUES E MELECAS

Mateus, 18:21-35

No terceiro ano de apostolado, que seria o último, Jesus peregrinou pela Peréia, uma das regiões administrativas da Palestina. Solo árido, era menos populosa que a Judéia, a Galiléia e a Samaria.

Os evangelistas não fazem referências específicas às cidades visitadas, mas, como sempre, significativas lições foram ministradas.

Ainda em Cafarnaum, na Galiléia, o Mestre abordou um de seus temas prediletos - o perdão.

Em benefício da causa, os cristãos não deveriam guardar ressentimentos, mágoas, rancores...

Falava, em certo momento, a respeito do assunto, quando Simão Pedro fez a famosa pergunta:

- Senhor, quantas vezes terei de perdoar ao meu irmão que pecar contra mim? Será até sete vezes?

Segundo a orientação rabínica, razoável perdoar as ofensas até três vezes. Revelando ter assimilado os novos princípios, Pedro, num rasgo de boa vontade, cogitou de elevar esse limite.

Jesus foi além:

- *Não te digo sete vezes, mas até setenta vezes sete.*

Evocava o Velho Testamento.

Quando Caim matou seu irmão Abel, por inveja, Jeová, por castigo, o condenou a vagar sem destino.

...*Fugitivo e errante serás pela terra* (Gênesis: 4-12).

Caim lamuriou-se.

Se partisse sozinho, sem proteção, poderia ser morto por algum desconhecido.

Temor infundado.

Se existiam apenas Adão e Eva; se os dois tiveram como filhos Abel e Caim; se Caim matou Abel, quem poderia ameaçá-lo?

Surpreendentemente, Jeová não levou em consideração esse disparate e proclamou que se alguém o matasse seria castigado *até sete vezes*.

Caim partiu.

Posteriormente, em outra dessas incríveis contradições do Velho Testamento, encontrou uma mulher e com ela se casou. Depois fundou uma cidade.

Uma cidade!

De onde vieram seus habitantes?

De onde veio a mulher de Caim?

Seriam tripulantes de um disco voador?

Os primeiros extraterrestres?

Caim deixou uma descendência.

Seu tataraneto, Lameque, era casado com duas mulheres, Ada e Zilá, numa dessas liberalidades de Jeová com os homens. Podiam ter tantas mulheres quantas pudessem sustentar, o que não era difícil naqueles tempos recuados. Não havia indústria da moda, nem cosméticos...

Lameque era um indivíduo de maus bofes, desses que não levam desaforo para casa. Certa feita, disse às esposas (Gênesis, 4:23-24):

.. *Matei um homem por me ferir, e um rapaz por me pisar. Se Caim seria vingado sete vezes, com certeza Lameque o será setenta vezes sete.*

O troglodita exprimia o espírito de sua época. Espírito de revide, de não levar desaforo para casa, institucionalizado na expressão *olho por olho, dente por dente*, atribuída a Moisés (Êxodo, 21:24).

Jesus inverte sua proposta e inaugura um novo tempo, com o *perdoar setenta vezes sete*, que equivale a perdoar sempre.

Os Lameques da vida não passam de pessoas com tendência para fazer meleca.

No livro *Ação e Reação*, de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, capítulo IX, diz Silas, dedicado médico da espiritualidade:

- *A ação do mal pode ser rápida, mas ninguém sabe quanto tempo exigirá o serviço da reação, indispensável ao restabelecimento da harmonia soberana da vida, quebrada por nossas atitudes contrárias ao bem...*

A bobeira de um minuto pode resultar em decênios de sofrimentos para consertar os estragos que fazemos em nossa biografia espiritual, quando não exercitamos o perdão.

Dois condôminos de um prédio discutiram sobre vagas na garagem coletiva. Irritaram-se. Gritaram. Ofenderam-se, com a inconseqüência de quem fala o que pensa, sem pensar no que fala.

Como não poderia faltar, cada qual “homenageou” a genitora do outro, atribuindo-lhe aquela profissão pouco recomendável.

Finalmente, o mais forte agrediu o mais fraco.

O mais fraco sacou uma arma e fuzilou o mais forte.

Resultado:

Um para o cemitério, outro para a prisão.

Ambos comprometeram-se infantilmente.

O morto retomou prematuramente à vida espiritual, interrompendo seus compromissos, situando-se em lamentáveis desajustes.

O assassino assumiu débitos cujo resgate lhe exigirá muitas lágrimas e atribulações.

Isso sem falar nas famílias desamparadas...

E se cônjuge e filhos se comprometerem em vícios e desajustes, favorecidos pela ausência do chefe da casa, tudo isso lhes será debitado.

Não raro, esses desentendimentos geram insidiosas obsessões. O morto transforma-se em verdugo, empolgado pelo desejo de fazer justiça com as próprias mãos.

E ninguém pode prever até onde irão os furiosos combates espirituais entre os dois desafetos, um na Terra, outro no Além.

Tudo isso por quê?

Porque erraram na escolha do verbo de suas ações.

Usaram o verbo *revidar*.

O certo seria o verbo *relevar*.

Relevar sempre !

Revidar jamais!

Lição elementar, nos ensinamentos de Jesus.

No livro *No Mundo Maior*, de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, capítulo X, diz Calderaro, sábio mentor:

- O ódio diariamente extermina criaturas no mundo, com intensidade e eficiência mais arrasadoras que as de todos os canhões da Terra troando a uma vez. E mais poderoso, entre os homens, para complicar os problemas e destruir a paz, que todas as guerras conhecidas pela Humanidade no transcurso dos séculos.

Essas judiciosas observações não dizem respeito apenas às pessoas que revidam ofensas.

Falam também àquelas que, tendo vontade de esganar um ofensor, engolem a própria ira. Bebem o veneno destilado pelo ódio, candidatando-se ao desajuste. O ressentimento mina nossas energias e enfraquece os mecanismos imunológicos.

Há uma quantidade imensa de males físicos e psíquicos resultantes do auto-envenenamento, quando cultivamos mágoas no lar, na rua, no local de trabalho...

O perdão evita que nos nutramos de nosso próprio veneno.

Há alguns equívocos.

As pessoas afirmam perdoar. No entanto, há sempre o “mas”, anunciando variadas formas de revide.

Rancor:

• Perdoo, mas não esqueço o mal que me fez! Condenação:

- Perdoo, mas não quero vê-lo nunca mais! Menosprezo:
- Perdoo, mas lamento ter me envolvido com esse infeliz sem eira nem beira!

Maldição:

- Perdoo, mas Deus há de castigá-lo!

Pretensão:

- Perdoo, mas antes lhe direi umas verdades!

Em qualquer dessas alternativas destilamos o ressentimento que nos envenena.

Melhor mesmo é não ter que perdoar.

Não é difícil.

A fórmula mágica chama-se compreensão. Ninguém é intrinsecamente mau. Somos todos filhos de Deus. Não podemos exigir das pessoas mais do que podem dar. Há mais fragilidade que intencionalidade nos prejuízos que nos causam.

A compreensão dispensa o perdão.

Quem compreende não se ofende.

Era o que Jesus fazia.

A DUREZA DOS CORAÇÕES

Mateus, 19:1-9 Marcos, 10:1-12

Ao tempo de Jesus, desde longa data, vigorava entre os judeus a poligamia.

Detalhe machista, típico da época: beneficiava os homens.

As mulheres, nem pensar!

Os grandes líderes da raça, dentre eles David e Salomão, tiveram várias esposas e incontáveis concubinas.

Consta que Salomão montou um harém particular com perto de mil mulheres para servi-lo. Um prodígio de virilidade! Em rodízio diário, levaria perto de três anos para, segundo o eufemismo bíblico, “conhecê-las”.

Eram tempos difíceis para a mulher.

Não passava de escrava do homem, objeto de seus desejos...

Seu amo e senhor podia livrar-se dela quando bem entendesse. Bastava entregar-lhe uma *carta de divórcio* e pronto - a união estava desfeita.

Lembrando uma regra do futebol, mostrava-lhe o cartão vermelho.

Era como um patrão demitindo a empregada. E nada de indenização por direitos adquiridos, fundo de garantia, férias, dedicação em tempo integral...

Imaginamos a esposa, a indagar, aflita:

- O que fiz de errado? Onde falhei?

E o marido:

- Cansei de sua comida. Além do mais, com cinquenta anos você está ficando passada. Resolvi trocá-la por duas de vinte e cinco...

A questão do divórcio foi abordada por Jesus na Peréia, respondendo às indagações maliciosas dos fariseus.

Como sempre, procurando comprometê-lo, abordando temas polêmicos, perguntaram-lhe, diante da multidão:

- *É lícito a um homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?*

A lei mosaica facultava o repúdio.

Iria Jesus, condescendente com as mulheres, contrariar as escrituras?

Como sempre, o Mestre saiu-se com sabedoria, aproveitando o ensejo para oferecer uma nova visão sobre o casamento:

- *Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher e disse:*

“Por esta razão o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne? ”

Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.

Questionam os fariseus:

- *Por que, então, mandou Moisés dar carta de divórcio e repudiar a mulher?*

- *Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres, mas não foi assim desde o princípio. Eu, porém, vos digo que aquele que repudiar sua mulher, a não ser por infidelidade, e casar com outra, comete adultério...*

Jesus eleva o casamento ao *status* de compromisso perante Deus. Não pode, portanto, subordinar-se aos caprichos masculinos.

Os fariseus contestam, lembrando a autorização de Moisés, ao que Jesus enfatiza que foi por causa da dureza do coração humano.

Essa insensibilidade sustentava um costume tão arraigado, que Moisés não pôde ou não achou conveniente mudar. A carta de divórcio era o mal menor.

Representava um avanço no relacionamento conjugal. Legalizava a situação da mulher repudiada, dando-lhe a chance de nova união.

Entretanto, diz Jesus que no princípio não era assim.

Nas tradições mais antigas envolvendo o Velho Testamento, não se observa a utilização freqüente da carta de divórcio.

Jesus deixa bem claro que o casamento é compromisso para a vida toda. .

Admissível a separação apenas numa circunstância: o adultério, quando o respeito e a confiança, fatores indispensáveis à vida familiar, são gravemente comprometidos.

Não obstante, não o situa como regra inamovível.

E possível preservar o lar, se o cônjuge traído se dispõe a exercitar a tolerância e o perdão em favor dos filhos.

Fundamental, nessa situação, avaliar a relação *custo e benefício*.

Valerá a pena desfazer uma ligação, estabelecer uma modificação radical, por causa de uma defecção do cônjuge? E os filhos, como ficam? Quando Jesus diz que devemos perdoar sempre, não se refere, também, a essa situação?

Jovem senhora, de elevados dotes morais, experimentou imensa decepção quando o marido engraçou-se com outra mulher.

Não obstante, não pediu a separação. E explicava:

- Há ocasiões em que o esposo deve ser encarado como um filho rebelde. Assim estou fazendo, a fim de preservar a família e não causar um dano maior aos nossos filhos.

Para o homem comum, uma tola, sangue de barata.

Para Deus, uma heroína.

A Doutrina Espírita ratifica o pensamento de Jesus sobre o casamento e até nos oferece subsídios valiosos em favor da preservação do lar.

Mostra-nos que a união matrimonial não é obra do acaso e envolve compromissos assumidos na Espiritualidade, antes da reencarnação.

No lar reúnem-se afeiçoados e desafetos do passado, a fim de consolidar afeições e desfazer aversões, ensaiando fraternidade.

Assim, reencontramos no reduto familiar:

O verdugo que devemos perdoar...

A vítima que deve nos perdoar...

O inimigo que vem para a reconciliação...

O ente querido que retorna ao nosso convívio...

O companheiro em quem nos apoiamos...

O irmão que devemos amparar...

O mentor que nos orienta...

Ressurgem na condição de filhos, cônjuge, pais, irmãos, personagens que participam de nossa história milenar, em reencontros marcados.

A família representa, acima de tudo, a oportunidade de melhorarmos a própria vida, refazendo-a em termos de resgate do passado e sementeira de bênçãos para o futuro.

Se fracassarmos, simplesmente repetiremos as experiências, como alunos indisciplinados que retornam à escola para aprender lições não assimiladas, sujeitos aos corretivos drásticos da Dor, essa mestra inflexível dos aprendizes récalcitrantes.

Como princípio, portanto, com base no Evangelho e na Doutrina Espírita, podemos afirmar que o casamento deve ser indissolúvel. É compromisso perante a própria consciência, uma tomada de posição diante da vida.

Justamente porque a sustentação do casamento é um problema de consciência, será inútil instituir leis que o tornem indissolúvel, como acontecia no Brasil, antes do divórcio.

A idéia de que o divórcio age contra a família é absolutamente infundada.

Casar e descasar, unir e separar, nada têm a ver com as leis civis.

O homem e a mulher unem-se porque se amam, se desejam, se entendem...

Separam-se porque deixaram de se amar, de se desejar, de se entender...

Imperioso que sustentemos a estabilidade do lar.

A família é, talvez, o compromisso mais importante de nossa vida.

Mas, negar àqueles que chegaram a extremos de incompatibilidade o direito de se separarem é um anacronismo.

Ficaria bem no passado, mas não tem razão de ser no presente, quando o homem, ensaiando discernimento, não admite grilhões senão os impostos pela própria consciência.

Esta, sim, e não a lei civil, deve nos dizer que a porta do casamento está aberta, mas não é conveniente sair.

Compete-nos, para tanto, envidar esforços por superar divergências e desentendimentos no lar.

Jesus nos dá a fórmula perfeita de como podemos fazê-lo:

Combater a dureza de nossos corações!

POR CAUSA DO REINO DE DEUS

Mateus, 19:10-12

Quando Jesus, instituindo o princípio da responsabilidade matrimonial, proclamou que o homem não pode dispensar a mulher ao seu bel-prazer, como quem se desfaz de uma

serviçal, seus interlocutores levaram um susto.

A idéia era inconcebível para a mentalidade machista da época.

Como impor submissão à esposa, sem a prerrogativa de despachá-la quando não estivesse agradando?!

Como suportar as impertinências femininas, a se acentuarem com os achaques da velhice?!

Como sustentar a virilidade, sem os estímulos do contato com novas companheiras, de preferência jovens e ardentes?!

Os próprios discípulos ficaram chocados, julgando dura demais semelhante disciplina. E comentaram:

- *Se tal é a condição de um homem relativamente à sua mulher, é melhor não casar.*

Respondeu Jesus:

- *Nem todos podem aceitar este conceito, mas somente aqueles a quem foi dado.*

Há os homens-instinto.

Vivem em função dos chamados *prazeres da carne*, envolvendo particularmente o sexo. São promíscuos. Enxergam, em qualquer mulher dotada de atrativos físicos, uma aventura em potencial.

Há os homens-sentimento.

Buscam a comunhão autêntica no relacionamento afetivo, envolvendo, além do sexo, o companheirismo, a amizade, a capacidade de se doarem em favor do ser amado. Estes podem entender Jesus, quando fala em monogamia e indissolubilidade do casamento.

O Mestre aproveitou o ensejo para abordar um tema paralelo, proclamando:

- *Há eunucos, que nasceram assim; outros foram feitos eunucos pelos homens; e outros há que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus...*

Eunuco, como sabe o prezado leitor, é o indivíduo impotente, cujas glândulas sexuais estão atrofiadas ou foram extraídas.

Jesus reporta-se a três tipos de eunuquismo:

- Os que nasceram assim.

Em virtude de deficiência fisiológica congênita, estão impedidos de uma vida sexual normal.

Certamente, guardam embaraçosa dúvida:

- Por quê?

Outra, decididamente perturbadora:

- Por que comigo?

Se aceitamos a existência de Deus e concebemos que é absolutamente justo, será impossível responder a . essas indagações sem admitir a reencarnação.

O eunuco congênito está em resgate cármico. Paga por deslizos de pretéritas existências.

O libertino, empolgado com aventuras nos domínios do sexo, que elegeu a irresponsabilidade por padrão de conduta, candidata-se a renascer com problemas dessa natureza.

A impossibilidade de dar vazão aos seus impulsos o ajudará a refrear suas tendências, ao mesmo tempo que o situará em conflitos íntimos, quais tormentas reparadoras em seu Espírito.

- Os eunucos feitos pelos homens.

No passado, potentados orientais tinham em seus palácios uma dependência especial,

o harém, onde desfrutavam de mulheres selecionadas dentre as mais belas.

Para protegê-las e ao mesmo tempo evitar que fugissem, eram montados fortes esquemas de segurança.

Mas, como impedir que os próprios guardas molestassem ou seduzissem as mulheres?

Solução simples: eram castrados, tornando-se impotentes.

Nesse segundo grupo podemos situar outro tipo de eunuco, envolvendo as ordens religiosas que impõem a castidade.

E o que situaríamos por *castração moral*, também geradora de conflitos, porquanto o indivíduo pode ter aptidão para a vida religiosa, sem vocação para a castidade e o celibato.

Freqüentemente gera problemas.

Passada a fase heróica, de empenho por seguir tão rígida imposição, quando cessa a luta íntima por forçar um comportamento para a qual não está preparado, o religioso poderá:

Cair na hipocrisia, simulando castidade.

Desistir de seus votos e ir cuidar da vida.

Celibato e castidade não encontram respaldo nas tradições cristãs. Discípulos de Jesus, que pontificaram no movimento inicial, eram casados, tinham vida sexual, cuidavam da prole, a começar pelo próprio Simão Pedro, que a ortodoxia religiosa situa como o primeiro papa.

Na primitiva igreja, sacerdotes, bispos e diáconos, bem como os demais membros engajados na sustentação do serviço, constituíam família, sem nenhum inconveniente. Ao contrário, era até desejável, colocando-os a salvo das tentações.

Outra vantagem: o relacionamento conjugal lhes dava a experiência necessária para cuidar de problemas familiares dos fiéis.

- Os que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus.

Espíritos superiores, participando de sagradas tarefas no Bem, fazem-se castos para produzir mais e melhor.

Na energia sexual manifesta-se o impulso criador, estimulado pela procura de prazer que, segundo Freud, é o móvel de nossas ações. O homem comum realiza-se, canalizando-a para os domínios das sensações, no arrebatamento da comunhão física que gera filhos.

O homem superior realiza-se canalizando a energia sexual para gloriosas realizações nos domínios da arte, da ciência, da religião, da filosofia...

Temos em Francisco Cândido Xavier um exemplo típico. Lembro-me de que, certa feita, numa entrevista, revelou que jamais experimentou um orgasmo. Mas, certamente, terá experimentado incontáveis êxtases, o prazer do Espírito superior que sublimou o impulso criador.

Liberando-se das imposições do sexo carnal, fez-se agente do Céu a fecundar a Humanidade para as realizações supremas da Virtude e do Bem.

Na adolescência, quando o Espírito desperta para a experiência terrestre, em plenitude de energias, o impulso sexual, como elemento de perpetuação da espécie, tende a manifestar-se fortemente, estimulando a comunhão carnal.

Com o avançar do tempo, arrefece o ardor físico, mas não cessa o impulso criador do sexo.

É quando somos convidados a sublimar a energia sexual, em favor das realizações mais nobres.

O idoso gera sérios problemas para si mesmo quando não atende à sábia orientação da Natureza e pretende sustentar a virilidade da juventude, apelando para os estímulos das

aventuras extraconjugais e do sexo promíscuo, comprometendo-se em desvios que lhe imporão amargas retificações.

Acabará por descobrir que há muito mais prazer e uma satisfação muito mais duradoura na comunhão de ideais, envolvendo pessoas que se decidem a nobres realizações no campo do Bem e da Verdade do que na empolgação de fugaz comunhão carnal.

É a partir dessa constatação que começam a surgir os eunucos por causa do Reino dos Céus, em gloriosa jornada da animalidade para a angelitude.

JÁ VIMOS ESSE FILME

Lucas, 18:15-17 Marcos, 10:13-16 Mateus, 19:13-15

Jesus transmitia seus ensinamentos, preparando os corações para o Reino de Deus, quando algumas crianças foram colocadas à sua frente, a fim de que as abençoasse.

Era costume entre os judeus que os homens santos ministrassem suas bênçãos - uma evocação da proteção divina sobre crianças e adultos.

O ato de abençoar enraizou-se no Cristianismo, estendendo-se ao próprio relacionamento familiar, envolvendo pais e filhos.

Não são poucos os que guardam, no tesouro das recordações mais ternas da infância, expressões assim:

- A “bença”, pai!

- Deus te abençoe, filho!

- A “bença”, mãe!

- Deus te abençoe, filho!

A criançada podia dormir tranqüila!

Estava presente a proteção divina, evocada pelos pais!

Gente com mania de originalidade contesta o ato de abençoar, sob a alegação de que tende a estabelecer barreiras entre pais e filhos. O que abençoa situa-se acima daquele que é abençoado. Isso inibiria a comunhão afetiva.

Levada às últimas conseqüências essa orientação, deveríamos eliminar toda disciplina no lar, porquanto, qualquer iniciativa nesse sentido representaria o exercício de indébito autoritarismo, a erguer barreiras entre adultos e crianças.

Ah, esses doutos!

Quando o cérebro se desliga do coração, perde o rumo e envereda por estranhos caminhos.

Raciocínios dessa natureza inibem uma das mais belas manifestações de afetividade no lar:

Os filhos que pedem a bênção de seus pais. -

Os pais que abençoam seus filhos.

Os discípulos aborreceram-se com a presença das crianças, mas Jesus os conteve:

- Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo que aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, de modo algum entrará nele.

Abraçando os pequenos, abençoou-os, impondo-lhes as mãos. Situava, assim, as crianças como o símbolo das condições necessárias ao ingresso no Reino de Deus.

Bem, em princípio, uma perguntinha:

Onde fica?

Se você não sabe, leitor amigo, não se preocupe.

Em outra passagem evangélica (Lucas, 17:21), o próprio Mestre informa:

- *O Reino de Deus está dentro de vós.*

Então, não se trata de local geográfico, na Terra ou alhures.

E um estado de consciência!

.O Céu está em algum recanto, em nosso universo interior.

Obviamente, o inferno também.

Diríamos que são realizações pessoais, condicionadas ao que pensamos e fazemos.

Uma senhora vivia desolada e infeliz!

Dizia-se mal-amada...

O marido não lhe dava atenção; os filhos a desrespeitavam; os vizinhos eram invejosos; o pessoal de sua igreja agia com falsidade; sua vida, um tormento! Quando desencarnou, por uma questão de afinidade, ela, que cultivava um inferno em seu coração, viu-se em região de sofrimentos.

Ali, mais que nunca, sentia-se infeliz.

Mal-amada...

Reclamava que Deus não lhe ouvia as orações. Via-se cercada de gente atormentada; revoltava-se contra o destino ingrato, mergulhada num oceano de aflições...

Depois de muito sofrer, brilhou em seu coração uma réstia de humildade. Lavou o coração com lágrimas contritas, implorando a complacência divina.

Imediatamente foi socorrida por benfeitores espirituais que a levaram para estágio reparador, em maravilhosa colônia espiritual.

Ali vivia uma comunidade feliz e ajustada, que observava integralmente o Evangelho, cultivando os valores do Bem.

A senhora esteve satisfeita... por algum tempo.

Em breve caiu nos tormentos a que se habituara..

Mal-amada...

Ninguém lhe dava atenção...

Havia falsidade nas pessoas...

A ladainha de sempre!

Vivendo em autêntico paraíso, permanecia no inferno que sustentava em si mesma.

Em *Velho Tema*, Vicente de Carvalho (1866-1924) exprime essa arraigada condição humana: a incapacidade de sermos felizes por não valorizarmos o que a vida nos oferece.

Só a leve esperança, em toda a vida,

Disfarça a pena de viver, mais nada;

Nem é mais a existência, resumida,

Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,

Sonho que a traz ansiosa e embevecida,

E uma hora feliz, sempre adiada E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,

Arvore milagrosa que sonhamos,

Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim; mas nós não a alcançamos Porque está sempre apenas onde a pomos E nunca a pomos onde nós estamos.

Onde estivermos, na Terra ou no Além, sustentaremos o céu ou o inferno, construído

na intimidade de nosso ser com as ferramentas do cérebro e do coração, tendo por material o que pensamos e sentimos.

Para ingressar na recôndita região de nosso universo interior, onde está o Reino de Deus, é preciso uma senha.

Ser como as crianças - revela Jesus.

Há algo inerente à natureza infantil que devemos imitar para abrir as portas do paraíso interior.

A senha se compõe de duas virtudes.

• Pureza.

A criança não é maliciosa, não vê o mal no comportamento alheio, não se compraz com a maledicência, não guarda mágoas, desconhece a hipocrisia. É capaz de relacionar-se com qualquer pessoa, independente da cor, raça, nacionalidade, religião, posição social...

• Simplicidade.

A criança não se sente infeliz por morar em singela cabana. Diverte-se tanto com um pau de vassoura feito cavalo, quanto o faria o menino rico num palácio, movendo-se em patinete motorizada.

Para entrar no Reino de Deus, na intimidade de nós mesmos, é preciso resgatar a criança que fomos, aprisionada na teia das ambições, dos vícios e das mazelas.

Evidentemente, não é fácil.

Como diz André Luiz, contra a pálida réstia de luz do presente, simbolizada pelo desejo de melhorar, há montanhas de trevas do passado.

Proclama o apóstolo Paulo (Romanos, 7:19):

O bem que eu quero, não faço.

O mal que não desejo, esse eu faço.

Temos visto esse filme, no desdobrar de múltiplas existências.

Mudam os cenários, mas o enredo é sempre o mesmo:

Começamos a vida como “mocinhos”, dispostos a mudar o mundo.

Terminamos como “bandidos”, comprometidos por vícios e mazelas.

E preciso produzir um filme diferente, nos estúdios da Vida.

Perseverar nos bons propósitos...

Lutar contra nossas tendências inferiores...

Conservar fidelidade ao Bem...

Cultivar ideais que nos permitam sustentar a simplicidade e a pureza dos verdes anos.

“Mocinhos”, jamais “bandidos”.

Bem-aventurados, jamais mal-amados.

No Céu, ainda que enfrentando as agruras da Terra.

ALGO MUITO PERIGOSO

Lucas, 18:18-25 Marcos, 10:17-23 Mateus, 19:16-24

Com a bênção às crianças, terminara a pregação.

Aproximou-se simpático jovem.

Impressionara-se com o que lhe fora dado ouvir e mostrava-se emocionado, empolgado mesmo, a ponto de dirigir-se a Jesus:

- Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a Vida Eterna?

Interessante a expressão *vida eterna*.

Sob o ponto de vista reencarnatório, seria superar o ciclo das vidas sucessivas. Viver em altos planos do infinito, sem a necessidade dessa lixa grossa que é a experiência carnal, com seu cortejo de males e dores. Talvez o jovem se referisse a isso, já que a reencarnação não era estranha ao judaísmo.

Jesus o contemplou com simpatia e respondeu:

- *Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus.*

Deixava bem claro, como o fazia em inúmeras oportunidades, que não era Deus, desautorizando futuras especulações dos teólogos medievais, que pretenderam fazer dele uma encarnação divina.

O diálogo prossegue:

- *Se queres entrar na Vida, guarda os mandamentos.*

- *Que mandamentos, senhor?*

- *Não matarás, não cometerás adultério, não dirás falso testemunho, não furtarás; honra a teu pai e a tua mãe...*

- *Ah! Senhor. Tudo isso tenho feito, desde a minha infância...*

- *Então, só uma coisa te falta: vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-me.*

Ao ouvir estas recomendações o jovem entristeceu-se e, visivelmente abatido, retirou-se.

Isso não podia fazer, pois era muito rico...

Dirigindo-se aos discípulos, proclamou Jesus:

- *Digo-vos que dificilmente um rico entrará no Reino dos Céus; ainda vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus.*

Idéia espantosa!

Impossível um camelo passar pelo buraco de uma agulha!

Estaria Jesus dizendo que o rico jamais irá para o Céu?

Não é bem assim.

Podemos atenuar o rigor da expressão, lembrando o significado das palavras *camelo e agulha*, naquele tempo.

Camelo - barbante grosso. Impraticável passá-lo pelo buraco da agulha. Talvez desafiando...

Agulha - entrada para pedestres, aberta nos muros que cercavam as cidades. Era muito estreita para passarem animais de grande porte. Talvez, com algum esforço, depois de um estágio do camelo num *spa*...

Resumindo:

O rico até pode entrar no Reino dos Céus, mas... é complicado.

O Reino, como sabemos, é aquele estado d'alma marcado pelo equilíbrio, a serenidade, a alegria, o bom ânimo...

Vários caminhos têm sido trilhados pelos homens, de conformidade com sua cultura, conhecimentos e maturidade, em busca dessa iluminação interior.

- Para o faquir indiano:

A mortificação física.

- Para o cristão medieval:

A solidão contemplativa.

- Para o antigo egípcio:

O culto aos mortos e à própria morte.

- Para o sábio grego:
A reflexão especulativa.
- Para o católico:
O culto e a comunhão com os santos.
- Para o evangélico:
A fé em Jesus.
- Para o espírita:
A prática da caridade.

Há esses e outros caminhos propostos, alguns ingênuos, outros confusos e até tortuosos, mas respeitáveis todos eles, como experiências na procura do Reino.

De qualquer forma, aqueles que estão procurando se situam adiante dos que ainda não se decidiram. Estes, que constituem maioria, permanecem entregues à indiferença, à indolência e ao comodismo. Perdem tempo, marcam passo nos caminhos da evolução. Adiam para futuro remoto as realizações mais nobres, até que a Dor, a grande mestra, venha despertá-los.

Segundo Jesus, há um obstáculo comum, uma pedra no caminho do Reino, que costuma causar tropeços.

A riqueza.

E que, para ser conquistada, acumulada e preservada, exige amplo envolvimento com os negócios, com os interesses materiais. Nessa selva sombria, o homem rico tende a comprometer-se moralmente, resvalando para a desonestidade, a corrupção, o abuso do poder, a exploração do próximo...

Ainda que se mantenha íntegro, estará submetido a tantas tensões e problemas, a exigirem sua ação pronta, enérgica, em constante desgaste emocional e mental, que dificilmente terá condições íntimas para cogitar do Reino.

Evidentemente, não se pode condenar a riqueza, porquanto seria absurdo, como comenta Allan Kardec, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, pretender que Deus a colocasse no Mundo como instrumento fatal de perdição.

O próprio Codificador esclarece que sua conquista exige o desenvolvimento da inteligência, que dará ao homem melhores condições para compreender as verdades morais, estimulando-o à própria renovação.

E a riqueza pode ser usada com muito proveito, promovendo o progresso e o bem-estar da Humanidade.

Sabemos quanto o dinheiro pode fazer nesse sentido.

Nos Estados Unidos, milionários doam somas fabulosas em favor de fundações, institutos de pesquisas, escolas, associações de socorro à pobreza...

Ricos, quando generosos, habilitam-se a uma acolhida festiva na Espiritualidade. O problema é que raros lá chegam de consciência tranqüila, isentos de comprometimentos morais.

Não é por outra razão que os grandes missionários costumam escolher posição social modesta, sem atrelar-se à riqueza, a fim de não dificultarem a própria tarefa.

Podemos concluir que a riqueza é uma experiência difícil - verdadeira provação.

Paradoxalmente, uma provação desejada.

Consulto o leitor. O que prefere:

Ser rico e ter saúde, ou ser pobre e tuberculoso?

Talvez você seja uma exceção, escolhendo a segunda opção.

A primeira, preferidíssima, não é fácil.

O pobre, pelas próprias limitações a que a Vida o submete, pelas privações que experimenta, situa-se, naturalmente, em processo de renovação.

Já o rico não dependerá tanto do que a Vida lhe ofereça, mas muito mais do que ele vai lhe oferecer.

O problema é que dificilmente terá tempo e disposição para descobrir o que a Vida espera dele.

Significativo que Jesus, na oração dominical, não diz:

A riqueza nossa de cada dia, dai-nos hoje.

Apenas o pão.

Sugere que peçamos a Deus nos ajude a conquistar o necessário, vivendo em simplicidade.

Exatamente como exprime João de Deus:

*Não vos peço a miséria aborrecida,
Nem tamanha riqueza que me tente,
Dai-me, Senhor, o necessário à vida,
Serei contente.*

AO LADO DE JESUS

Mateus, 20:20-28 Marcos, 10:35-45

O nome Salomé evoca a jovem que dançou para Herodes, pedindo macabra recompensa: a cabeça de João Batista.

Pequeno detalhe:

O Evangelho não registra seu nome. Quem o declina é Flávio Josefo, historiador judeu.

A Salomé da epopéia evangélica era respeitável senhora, esposa de Zebedeu e mãe dos apóstolos Tiago e João. Discípula fiel de Jesus, esteve presente no Drama do Calvário; participou de seu sepultamento e foi uma das mulheres que testemunharam o desaparecimento de seu corpo.

Alguns historiadores consideram a possibilidade de Salomé ser irmã de Maria de Nazaré ou, talvez, sua sobrinha. Jesus estaria ligado a ela e seus filhos por laços de consanguinidade.

Encantada com a mensagem evangélica, Salomé empolgava-se com o Reino Divino que Jesus viera instituir e pensava no futuro dos filhos. A semelhança dos demais discípulos, não tinha idéia muito clara a respeito do assunto.

Estavam todos imbuídos do espírito da raça, das tradições dos profetas, que proclamavam, há séculos, a vinda do mensageiro divino, que libertaria Israel do jugo romano e a elevaria à sua gloriosa destinação.

Como toda mãe, Salomé desejava o melhor para os filhos. Esperava, portanto, uma situação de destaque para João e Tiago, na nova ordem.

Eram jovens, fortes, inteligentes...

Seriam seus principais prepostos, quando Jesus fosse coroado rei...

Tanto alimentou essa fantasia que não se conteve.

Em presença dos membros do colégio apostólico, dirigiu-se a Jesus, dizendo-lhe que tinha algo a pedir:

Ele a contemplou com serenidade, certamente adivinhando o que viria:

- *Que queres?*

- *Quero que estes meus dois filhos sentem-se, um à tua direita, outro à tua esquerda, em teu Reino.*

Não fora o Mestre profundo conhecedor da natureza humana e, certamente, ficaria muito aborrecido.

Tantas lições, tantos exemplos...

Salomé não entendera nada!

Raciocinava em termos de imediatismo, de interesses humanos, envolvendo prestígio e poder, sem assimilar o que se esperava dos seguidores do Evangelho.

Contemplou os presentes, que ouviam vivamente interessados, e comentou:

- *Não sabes o que estás pedindo.*

Dirigindo-se aos dois irmãos:

- *Podeis beber do cálice que beberei?*

Ambos responderam, sem titubear:

- *Sim, Senhor, podemos beber.*

- *Sem dúvida bebereis meu cálice. Mas sentar à minha direita ou à minha esquerda, não me compete sabê-lo, e, sim, a meu Pai.*

Podemos definir o *cálice* como as experiências impostas pela Vida.

Em algumas ocasiões, amargo, como fel.

Noutras, doce, como mel.

O cálice de Jesus, no desdobramento de seu apostolado, seria amargo. Enfrentaria humilhações e zombarias, estaria sozinho nos testemunhos finais e morreria na cruz.

Os dois irmãos beberiam de seu cálice. Experimentariam duros testemunhos, semelhantes aos que lhe seriam impostos.

Ambos foram vítimas das perseguições ao Cristianismo nascente. Tiago foi o primeiro apóstolo a ser martirizado, decapitado no ano 44, a mando de um príncipe judeu.

Mas somente Deus poderia decidir de seus méritos ou qual a posição de ambos no Reino.

Isso significa que do ponto de vista espiritual o valor de um homem não está no cálice que lhe foi reservado.

Depende de como bebe seu conteúdo, de como se comporta ante os desafios da Vida.

O homem mais humilde na Terra poderá ser o mais importante no Céu.

Malba Tahan reporta-se ao assunto ao relatar a história de um rabi, famoso por sua palavra fácil e fluente. Deus brilhava em seus lábios!

Certa feita, em sonho, sentiu-se transportado às regiões espirituais e lá constatou que sua situação era inferior à de um moço, pouco assíduo frequentador da sinagoga.

Ao despertar, ficou intrigado:

- Eu, figura de destaque na comunidade, intérprete da Lei, orientador espiritual do povo, abaixo de alguém que raramente aparece!

Decidiu ir à sua casa, a fim de decifrar o enigma.

Lá ficou sabendo que o moço cuidava de pais idosos e doentes. Dotado de piedade filial raramente observada, dedicava suas horas livres em cuidar dos genitores, dando-lhes atenção e carinho.

Então o rabi entendeu por que estava em posição inferior.

Ele tinha Deus nos lábios.

O jovem estava melhor:

Tinha Deus no coração.

Os membros do colégio apostólico indignaram-se com os dois irmãos.

Que atrevimento! Pretenderem os primeiros lugares!

O ambiente turvou-se. Acusações foram trocadas. Instalou-se a discussão.

Serenamente, Jesus observou durante algum tempo o lamentável bate-boca.

Depois, pedindo silêncio, falou, incisivo:

— *Sabeis que reis e governos dominam sobre seus vassallos e impõem a sua vontade.*

Assim, entretanto, não deve ser entre vós. Quem quiser ser grande seja aquele que serve; quem quiser ser o primeiro seja o servo de todos. É assim que o filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos.

Imaginamos o ato de servir como uma contribuição pecuniária ou a doação de algumas horas de trabalho numa entidade assistencial, num serviço em favor do próximo.

Nada disso!

Servir não é um programa a cumprir, com hora marcada e lugar determinado.

Trata-se de uma maneira de ser, em todas as horas e em todos os lugares, a começar pelo elementar cuidado com aqueles que habitam sob o mesmo teto.

Diga-se de passagem:

Doce como mel ou amargo como fel, a melhor maneira de sorvermos o cálice da vida é com espírito de serviço.

Quem o Bem serve, é servido pelo Bem.

Detalhe importante:

Os problemas de relacionamento humano decorrem, geralmente, da ausência do espírito de serviço.

Começa no lar.

Com poucas exceções, a criança encara qualquer compromisso, até mesmo o de guardar seus brinquedos, como intolerável prepotência dos genitores.

O adolescente quer morrer quando lhe passam elementares tarefas, como ajudar na limpeza ou arrumar seu quarto.

A dona-de-casa decreta estado de calamidade quando falta a doméstica.

O marido sente-se acima de qualquer compromisso no lar, proclamando que lhe compete batalhar pelo pão de cada dia.

No ambiente profissional, os funcionários mais conscientes e dedicados são tomados à conta de bajuladores e subservientes por seus colegas.

Na vida comunitária, muitos reclamam do poder público, cobrando providências relacionadas com problemas comunitários. Raros se dispõem a participar de mutirões para resolvê-los.

Há incontáveis tratados de psicologia, sociologia e economia para explicar e sugerir soluções para as injustiças sociais, a miséria e o infortúnio que grassam na sociedade, sem nenhum resultado prático.

Para que tratados?

Precisamos apenas do cumprimento dessa cartilha divina - o Evangelho, onde está bem claro que o espírito de serviço é a base fundamental para edificação de uma sociedade

igualitária, justa, e feliz.

Quando todos estivermos empenhados em fazer algo em favor do lar, da sociedade, da pobreza, edificaremos o paraíso na Terra.

Ficamos espantados quando encontramos crianças, jovens e adultos dispostos à colaboração irrestrita, fazendo o melhor em favor do lar e da sociedade.

Serão etês em trânsito pela Terra?

Nada disso!

É gente como a gente.

Distinguem-se apenas porque já aprenderam que o espírito de serviço é a chave mágica que acerta o compasso da vida, ajustando-nos ao ritmo da harmonia universal.

Exatamente como ensina Gabriela Mistral, em *O Prazer de Servir*:

Toda a Natureza é um anelo de serviço.

Serve a nuvem, serve o vento, serve o sulco.

Onde houver uma árvore a plantar, planta-a tu;

Onde houver um erro a corrigir, corrige-o tu;

Onde houver uma tarefa que todos recusem, aceita-a tu.

Sê tu quem tira a pedra do caminho, o ódio dos corações e as dificuldades dos problemas.

Há a alegria de ser sincero, a alegria de ser justo; Há, sobretudo, a incomparável alegria de servir. Como seria triste o Mundo se tudo já estivesse feito. Se não houvesse uma roseira para plantar, uma iniciativa a desenvolver.

Não te seduzam somente as obras fáceis.

E belo fazer o que outros se recusam a executar. Não cometas, porém, o erro de pensar que só tem merecimento executar as grandes obras; há pequenos préstimos que são bons serviços: enfeitar uma mesa, arrumar uns livros, pentear uma criança...

Aquele é quem critica, este é quem destrói.

Sê tu quem serve.

O servir não é só de seres inferiores.

Deus, que nos dá o fruto e a luz, serve sempre. Poder ia chamar-se O Servidor.

E tem seus olhos fixos em nossas mãos, e nos pergunta todos os dias:

Serviste hoje? A quem?

A árvore? Ao teu amigo? Aos teus familiares?

BARTIMEU, O CEGO

Mateus, 20:29-34 Marcos, 10:46-52 Lucas, 18:35-43

Jerico, conhecida como a Cidade das Palmeiras, está localizada na Cisjordânia, margem ocidental do Rio Jordão.

E considerada a cidade mais antiga do Mundo'. Teria sido edificada há oito mil anos, muito antes dos tempos bíblicos.

Dois episódios marcantes lhe fazem referência, na Bíblia.

O primeiro, uma fantasia.

Diz respeito a uma conquista material, que teria ocorrido há perto de três mil e duzentos anos.

A cidade fora sitiada pelas tropas de Josué, chefe judeu que sucedera Moisés. Protegida por muros altos e fortes, previa-se prolongada resistência.

Seguindo a orientação de Jeová, sete sacerdotes judeus tocaram trombetas nas proximidades dos muros, durante sete dias. No sétimo, houve um momento em que, somando-se ao som estridente, soldados e civis que cercavam a cidade deram um grande grito.

Os muros não resistiram. Ruíram, fragorosamente.

Cumprindo “piedosa” determinação de Jeová, os invasores passaram a fio de espada homens e mulheres, crianças e velhos, bois, ovelhas e jumentos, como era o hábito dos belicosos filhos de Abraão.

O segundo episódio, mais ameno, confiável e significativo, diz respeito a uma realização espiritual.

Chegava Jesus à cidade, acompanhado de seus discípulos e de grande multidão. Era cada vez maior o número de pessoas que o seguiam em suas andanças, atraídas pelos prodígios que operava.

Eis que um cego, de nome Bartimeu, começou a clamar, em altas vozes:

- *Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!*

Algumas pessoas ordenaram-lhe que se calasse, a fim de não perturbar o grupo que passava.

Não obstante, empolgado pela presença do Messias, insistia:

- *Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!*

Por que *filho de Davi*?

Não era José o seu pai?

Não há nada errado. Segundo as tradições, o Messias seria descendente do famoso rei, uma das figuras eminentes da história judaica.

O cego reiterava:

- *Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!*

Ouvindo-o, o Mestre pediu que o levassem à sua presença.

O cego foi chamado. Disseram-lhe:

- *Tem bom ânimo! Levanta-te! Ele te chama.*

Destaca o evangelista Marcos que, desfazendo-se da capa que usava, Bartimeu levantou-se num salto e aproximou-se.

Jesus lhe perguntou:

- *Que queres que eu te faça?*

- *Mestre, eu quero ver.*

Compadecendo-se do mendigo, Jesus o curou:

- *Vai em paz, a tua fé te salvou.*

No mesmo instante Bartimeu foi agraciado com a dádiva da visão e, conforme a narrativa evangélica, passou a acompanhar o grupo, glorificando a Deus.

Temos, neste episódio, uma das curas espetaculares operadas por Jesus.

Exercitava o *passé*, prática largamente difundida no meio espírita, uma transfusão de energia magnética.

Um dos problemas que envolvem a saúde humana é a desvitalização.

A jornada terrestre é repleta de problemas, lutas e dificuldades, o que é natural - vivemos num planeta de expiação e provas. .

Ocorre que, em face de nossas limitações, temos dificuldade para lidar com esses contratempos. Ficamos nervosos, tensos, irritados, desanimados, desconsolados,

pessimistas...

Esse estado negativo implica em perda de vitalidade, semelhante ao acidentado que sofre uma hemorragia. Fragilizados, abrimos portas a influências espirituais e desajustes variados.

A Medicina cuida superficialmente dos males que lhe são decorrentes.

O passe tem uma ação mais efetiva, fortalecendo nosso psiquismo, algo semelhante aos benefícios da transfusão de sangue numa pessoa anêmica.

Não é necessário dom especial para aplicar magnetismo. Apenas ter saúde, estar em paz, não cultivar vícios, exercitar frugalidade e disposição de servir.

O poder de cura não se subordina à intensidade dos fluidos magnéticos. Muito mais importante é a qualidade, a partir da dedicação ao serviço e ao cultivo de um comportamento espiritualizado, reto, digno, com o que o passista se habilitará ao apoio indispensável dos mentores espirituais.

Detalhe que não devemos esquecer:

Tão ou mais importante que a capacidade do passista é a receptividade do paciente.

Na passagem citada e em outras, Jesus faz referência à fé como veículo de cura.

Poderíamos defini-la como *confiança plena*.

E a chave para abrir nosso mundo íntimo, estabelecendo a ligação entre nós e o passista, habilitando-nos a receber o benefício.

Por isso, quando nos submetemos a esse tratamento, devemos ver diante de nós não a figura do passista, mas o representante da espiritualidade, que tanto mais nos beneficiará por seu intermédio, quanto mais elevados forem nossos sentimentos, na posição mental de quem confia no Alto.

Importante evitar os exageros.

Bartimeu tinha uma capa que usava como esteira para sentar-se à beira do caminho, ao mendigar.

Há quem veja em sua atitude, dispensando-a ao ser chamado por Jesus, algo do despojamento necessário para que sejamos beneficiados.

Isso significaria que o doente deve demonstrar sua fé limitando-se ao tratamento espiritual.

Perigoso equívoco!

Não temos passistas com potencial para operar prodígios como Jesus, e estamos longe daquela fé capaz de transportar montanhas.

Por outro lado, não devemos esquecer que a Medicina também é obra de Deus. Portanto, quando descartamos a terapia convencional, privilegiando a espiritual, estamos recusando um instrumento divino em favor de nossa saúde.

Ambas vêm de Deus! Ambas se completam!

Multidões buscam, nos Centros Espíritas, o poder regenerador do passe magnético. As reuniões mais concorridas são aquelas onde há esse serviço, irresistível atração.

Procuram o hospital.

Empolgam-se, mas logo se afastam, atendendo a um, dentre dois motivos:

- Sararam.

Não precisam mais de seus serviços.

- Não sararam.

Procuram outro serviço.

Felizes os que enxergam a escola.
Estes encontram nos conceitos espíritas respostas às indagações que perturbam muita gente:

- De onde viemos?
- Que fazemos aqui?
- Para onde vamos?
- Como compatibilizar a justiça divina com as injustiças da Terra?
- Se Deus é a bondade suprema, como explicar o mal?
- E possível ser feliz, mesmo enfrentando atribuições?

Se alunos aplicados, mudam inteiramente os rumos de sua existência, como cegos que começam a enxergar. Deles podemos dizer, à semelhança do que ocorreu com Bartimeu:

Cheios de júbilo, integram-se nos abençoados labores do Centro Espírita, rendendo graças ao Criador pelas dádivas recebidas.

O PUBLICANO ATRIBULADO

Lucas, 19:1-10

Os coletores de impostos, chamados publicanos, eram execrados como ladrões e traidores, a serviço do dominador romano.

Em suas andanças, houve comovente encontro de Jesus com um deles, de nome Zaqueu.

Não era um simples cobrador de impostos; mas o chefe do serviço em toda a região de Jericó. Movimentava largas somas de dinheiro, o que fazia com extrema habilidade, aumentando sempre seus patrimônios.

Contudo, como costuma acontecer com aqueles que se dedicam aos bens efêmeros, experimentava permanente tensão. Quando o dinheiro deixa de ser parte da vida para converter-se em finalidade dela, tudo se complica...

O ouro acumulado era um peso em seu coração... Pior, pesava-lhe também na consciência.

Nem sempre agira com lisura no trato com os contribuintes. Não raro, explorara pessoas endividadas que, em desespero, lhe vendiam seus bens por preços irrisórios.

Fazia “negócios da China”.

Excelentes para quem compra.

Péssimos para quem vende.

Além do mais, sentia-se incomodado com o desprezo de seus irmãos de raça.

Ultimamente animara-se ao ouvir falar de um homem chamado Jesus, que andava pela Galiléia, dotado de poderes prodigiosos - curava leprosos, levantava paráliticos, acalmava tempestades, ressuscitava mortos...

Sua palavra vibrante era a própria voz do Céu, acalmando inquietações e convocando os homens de boa vontade para a construção do Reino de Deus.

Chamava a todos irmãos, filhos de um pai celeste, que trabalha incessantemente pelo bem de todos, sem preferências, nem preconceitos.

O rico chefe dos publicanos ouvia, maravilhado, aquelas informações. Emocionara-se com o relato feito por alguém que ouvira Jesus, referente a um filho rebelde que deixara a casa de seu pai e fora para longe, onde dilapidara os bens que recebera por herança. Arrependido, tornou à casa paterna, onde, não obstante suas defecções, foi recebido

com festas.

Sentia-se, ele próprio, o filho pródigo...

Ansiava conversar com Jesus. Seria o divisor de águas, que imprimiria novo rumo à sua existência.

Um dia veio alvissareira notícia - o profeta passaria por Jericó.

Animou-se. Aguardou ansioso, procurando manter-se informado sobre a visita.

Finalmente, chegou o grande dia. A cidade estava alvoroçada. A multidão comprimia-se na rua principal. Gente curiosa, gente necessitada, gente doente... Todos queriam ver o Mensageiro, receber benefícios de suas mãos milagrosas...

Zaqueu pensou em enviar um servo ao seu encontro, convidando-o à sua casa. Não se atreveu. Não se sentia digno, e tinha dúvidas quanto à receptividade.

Afinal, os profetas eram homens austeros e não gostavam dos ricos. Certamente não concordaria em visitar um publicano.

Esperaria passarem as manifestações populares. Depois iria ao seu encontro, rogando-lhe que o recebesse.

Nada o impedia, porém, de juntar-se, naquele momento, ao povo. De baixa estatura, com tanta gente à sua frente, não via nada. Procurou, nas proximidades, um sicômoro - árvore semelhante à figueira. Alcançou, resoluto, os primeiros galhos e se situou por privilegiado observador.

Emocionado, observou o profeta que se aproximava. Não teria mais de trinta anos, expressão suave, sorriso fraterno. Contemplando-o, não teve dúvidas. Aquele homem tinha o remédio para suas angústias.

Para sua surpresa, Jesus parou junto ao sicômoro e lhe disse:

- Zaqueu, desce depressa porque hoje devo hospedar-me em tua casa.

Tomado por incontida emoção, desceu da árvore. Compreendia agora que o encontro não fora fortuito. Desde muito estava marcado. O profeta já o conhecia, sabia de suas angústias, tinha algo para lhe dar... Estava pronto a segui-lo!

Tão logo chegaram, acompanhados pela multidão, Zaqueu dirigiu-se a Jesus. A semelhança do discípulo novo que se confessa de público, falou alto e bom som, com a segurança de quem descobriu novos caminhos e a coragem de quem reformula a existência:

- Senhor, darei metade de meus bens aos pobres. E se algum prejuízo causei a alguém, o compensarei pagando-lhe quatro vezes mais.

O povo murmurava. Muitos se escandalizavam com a presença do profeta na casa de Zaqueu. Afinal, tratava-se de um publicano, um traidor...

Mas Jesus, conhecendo bem de perto os humores da multidão, disse:

- Hoje entrou a salvação nesta casa. Este também é filho de Abraão, pois a missão do Filho do Homem é salvar os que estavam perdidos.

Este notável episódio evangélico nos faz lembrar que todos temos um encontro marcado com Jesus, guia e modelo da Humanidade, segundo a Doutrina Espírita.

Muitos dizem:

- Já encontrei Jesus, tomei contato com seus ensinamentos, freqüento uma igreja cristã...

Será?

Fácil conhecer Jesus; basta ler o Evangelho.

Encontrá-lo é diferente.

Trata-se de um despertar, a iluminação a que se referem os mestres hindus; aquele momento solene em que percebemos, em plenitude, o significado de suas lições e nos dispomos a mudar os rumos da existência.

De repente, sentimentos envolvendo ambições, riqueza, conforto e poder perdem a graça.

Interesses imediatistas, vícios e paixões deixam de nos motivar.

Agressividade, irritabilidade, ressentimento e rancor são eliminados, no dicionário de nossas emoções.

Angústias, tristezas, pessimismo e desânimo não encontram mais guarida em nosso coração.

Quando tudo isso acontecer, teremos, finalmente, encontrado Jesus, algo programado pelo Céu desde tempos imemoriais, quando ensaiávamos a razão, egressos da animalidade instintiva.

A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

João, 11:1-54

Desdobrava Jesus a divulgação da Boa Nova na Peréia, quando recebeu um mensageiro com recado de Marta e Maria, de Betânia.

Dizia simplesmente:

Senhor, aquele que amas está doente.

Tratava-se de Lázaro, o irmão das duas discípulas. O Mestre não se abalou:

- Essa doença não é para a morte, mas para glória de Deus, a fim de que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus.

Depois de dois dias, anunciou aos companheiros:

- Voltemos à Judéia!

Os discípulos estavam apreensivos. Da última vez em que lá estiveram houvera ameaças de morte.

- Mestre, há pouco os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá?

Respondeu Jesus:

- Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha durante o dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas se alguém caminha à noite, tropeça, porque não há luz.

Explicava, por metáfora, que ainda não era tempo de morrer.

O dia estava claro. Não chegara a noite do sacrifício.

E acrescentou:

- Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou para despertá-lo.

Os discípulos ficaram aliviados.

- Senhor, se ele dorme, se salvará!

- Lázaro morreu. Por vossa causa, alegro-me de não ter estado lá, para que creiais.

Mas vamos a ele.

Não obstante o Mestre ter assegurado que nada lhe aconteceria, os discípulos sentiam maus agouros.

Tomé, chamado Dídimo, comentou com os companheiros:

Afirmativa temerária, considerada a fragilidade do grupo.

Na hora decisiva do testemunho, ocorreria lamentável debandada.

Chegando em Betânia, souberam que Lázaro fora sepultado. A família estava no período de luto, que durava sete dias, segundo as tradições. Como a cidade ficava perto de Jerusalém, praticamente um subúrbio, amigos de lá vieram para as condolências.

Informada de que Jesus estava chegando, Marta foi ao seu encontro.

Emocionada, lamentou:

- *Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido...*

Jesus a consolou, afirmando que os que nele acreditavam nunca veriam a morte.

Pouco depois, veio Maria.

Jesus comoveu-se com o sofrimento das irmãs. Perguntou onde estava Lázaro.

Vendo-o verter lágrimas, muitos comentavam:

- *Vejam como ele o amava!*

Lamentavam que Jesus não houvesse chegado a tempo para evitar sua morte.

Levado ao túmulo que, segundo o costume, era uma gruta escavada na rocha, Jesus pediu que afastassem a pedra que a selava:

Marta advertiu:

- *Senhor, já cheira mal. Está sepultado há quatro dias.*

Jesus a tranqüilizou, dizendo-lhe que acreditasse, porquanto veria a glória de Deus.

A pedra foi afastada.

O Mestre elevou o olhar e disse:

- *Pai, graças te dou, porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves, mas digo isso por causa da multidão ao meu redor, para que creiam que tu me enviaste.*

Tendo assim afirmado, ordenou, em alta voz:

- *Lázaro, vem para fora!*

Em breves momentos surgia o redivivo, à luz do dia, mãos e pés enfaixados, com o rosto envolto num lenço.

Jesus encerrou o episódio, dizendo:

- *Desatai-o e deixai-o andar.*

Podemos imaginar o impacto junto aos presentes.

Um homem a voltar da sepultura!

Anteriormente, o Mestre operara prodígios da mesma natureza, com o filho de uma viúva, em Naim, e a filha de Jairo, um doutor da Lei. Mas a morte acabara de ocorrer. Talvez nem mesmo estivessem mortos. Enganos aconteciam na verificação do óbito.

Ali era diferente.

Jesus trouxera Lázaro para a vida, quatro dias após o sepultamento!

Foi seu maior feito aos olhos do povo, mas também a gota d'água, a precipitar acontecimentos que culminariam com sua morte. O episódio transpirou em Jerusalém.

Os senhores do Sinédrio reuniram-se para discutir o assunto.

- *Que faremos? Esse homem realiza muitos sinais.*

Se o deixarmos assim, todos crerão nele e virão os romanos e destruirão nosso lugar santo e nossa nação!

Não se tratava do mero temor de represálias. Era a reação da cúpula judaica, que se sentia ameaçada por aquele taumaturgo atrevido.

Sinistra figura ergueu-se: Caifás, o sumo sacerdote, que teria atuação decisiva na

condenação de Jesus:

- *Vós de nada entendeis. Não compreendeis então que é melhor para vós morrer um só homem pelo povo, e não pereça toda a nação?*

A partir dali teve início a conspiração para eliminar o profeta galileu.

A questão central em relação ao episódio diz respeito, obviamente, à ressurreição de Lázaro.

Significativo Jesus tenha afirmado que sua doença não era para a morte e, depois, que ele dormia.

Quando os discípulos se tranquilizaram, considerando que se estava dormindo, logo ficaria bem, proclamou que estava morto.

Parece incoerente, mas não é.

Lázaro estava em transe letárgico, quando as funções orgânicas ficam extremamente reduzidas, a ponto da pessoa parecer morta. Quem o visse naquela situação imaginaria contemplar um cadáver.

Para os homens, morto.

Para Jesus, dormindo.

A letargia pode surgir a partir de vários fatores:

- Doença grave.

O paciente entra em estado de coma. O organismo desacelera ao máximo o funcionamento, concentrando todas as energias para debelar o mal que está provocando a morte, numa resistência desesperada e final.

- Indução medicamentosa.

Há substâncias que provocam o coma artificial. Na célebre história de Shakespeare, a jovem Julieta tomou uma poção especial que a deixou com a aparência de morta, para que pudesse fugir com seu amado. O ardid acabou resultando numa tragédia. Desolado, supondo-a morta, Romeu cometeu suicídio. Quando ela despertou, vendo-o morto, matou-se também.

- Hipnose

Indivíduos sensíveis podem ser induzidos ao transe letárgico. Hipnotizadores inescrupulosos costumam fazer deles instrumentos para pantomimas teatrais que fazem sucesso.

- Transe mediúnico.

Em determinados desdobramentos, particularmente na chamada *bilocação*, quando o Espírito afasta-se do corpo e se materializa alhures, há enorme dispêndio das energias do médium, com o auxílio de mentores espirituais. Para tanto, ele entra em estado letárgico.

- Auto-indução.

Há faquires indianos que se fazem sepultar vivos. Entram em estado letárgico por sua própria iniciativa. Com o organismo funcionando em ritmo lento, o consumo de oxigênio é mínimo. Daí conseguirem sobreviver por horas e até dias. É algo semelhante aos animais que hibernam, como o urso polar, que fica meses dormindo, em sono profundo, autêntica letargia.

Há pessoas apavoradas com a idéia de serem enterradas vivas.

Pedem:

- Velem meu corpo até que comece a cheirar mal!

É um bom sinal, sem dúvida, mas pode complicar.

Se o óbito ocorre em inverno rigoroso, repentinamente, demandará alguns dias para

entrar em decomposição.

Não é necessário impor tal constrangimento aos familiares.

E chamar o médico que assiste o paciente. Ele terá condições, examinando o cadáver, para informar se o defunto realmente “defuntou”.

O temor de ser enterrado vivo pode ser decorrente de desagradável experiência: termos permanecido presos ao cadáver, após o sepultamento, em existência anterior, em virtude de comprometimento com vícios e paixões.

E fácil superar esse condicionamento.

Basta que vivamos virtuosamente, cumprindo os nossos deveres. Segundo a expressão de Jesus, é preciso caminhar - buscar o auto-aprimoramento, a reforma íntima, o esforço do Bem, enquanto é dia, enquanto é tempo de viver.

Assim, quando chegar a noite, o tempo de morrer, partiremos tranqüilos, consciência em paz, amparados por amigos e familiares que nos acolherão na vida espiritual.

SEMANA DECISIVA

Mateus, 21:1-11 Marcos, 11:1-11 Lucas, 19:28-44 João, 12:12-19

A suposta ressurreição de Lázaro agitava o povo, convencendo a multidão de que Jesus era o Messias. Ele se isolou por algum tempo, provavelmente algumas semanas, em Efraim, pequena localidade, a vinte e cinco quilômetros de Jerusalém.

Retornou na Páscoa. Aproveitaria o fluxo de peregrinos que compareciam às festividades, para transmitir seus ensinamentos.

Passou por Betânia, onde esteve com amigos e discípulos. Depois seguiu para a Cidade Santa.

Em Betfagé, lugarejo junto ao Monte das Oliveiras, recomendou a dois discípulos:

- Ide à aldeia que está à vossa frente. Entrando nela, encontrareis um jumentinho, sobre o qual ninguém montou ainda. Soltai-o e trazei-o a mim. E se alguém vos perguntar: “Por que fazeis isso?”, respondereis: “O Senhor precisa dele, mas logo o devolverá

Assim foi feito.

Encontrado o animal, deram o recado aos proprietários, que aquiesceram. Provavelmente já conheciam Jesus e fossem simpatizantes.

Jesus montou o jumentinho e seguiram viagem.

Talvez os próprios discípulos não tenham, em princípio, entendido o significado daquele gesto.

Segundo os costumes judeus, qualquer animal a ser utilizado numa cerimônia solene, de caráter religioso, deveria ser chucro, nunca montado.

Jesus dava aspecto solene à sua entrada na cidade santa, mas de forma muito especial.

Chegava, não como um conquistador, um guerreiro armado, montado num cavalo, mas numa missão de paz, sobre humilde jumento, sem outras armas além do Amor e da Sabedoria.

Era a derradeira jornada.

Em uma semana, alguns dos acontecimentos mais marcantes do Evangelho se sucederiam. Culminariam com a crucificação, na sexta-feira, e gloriosa ressurreição no domingo.

Muita gente se aproximava, mesmo porque era grande o fluxo de peregrinos que

chegavam para as celebrações.

Ramos eram jogados nas vias de acesso, formando um tapete verde, conforme os costumes da época, para recepção de pessoas ilustres.

E o povo, entusiasmado, acompanhava as proclamações:

- *Hosana ao filho de Davi!*

- *Bendito o que vem em nome do Senhor!*

- *Hosana no mais alto dos céus!*

- *Bendito o Reino que vem, do nosso Pai Davi!*

- *Hosana no mais alto dos céus!*

Havia uma empolgação. Para muitos, a salvação de Israel estava chegando com aquele homem montado num burrico.

Os fariseus, sempre temerosos de represálias romanas, e nada satisfeitos com aquela mobilização popular, reclamaram:

- *Mestre, modera teus discípulos.*

Jesus respondeu:

- *Eu vos asseguro que se eles se calarem, as pedras gritarão.*

Não havia como conter o entusiasmo da multidão.

Indignados, esbravejavam os fariseus:

- *Nada se consegue. Todos vão atrás dele.*

Jesus comoveu-se na contemplação de Jerusalém.

Confirmando o que lhe estava reservado, conforme revelara anteriormente, proclamou:

- *Ah! Se neste dia também tu conhecesses o que leva à paz! Agora, porém, isso está oculto aos teus olhos. Pois dias virão sobre ti em que os teus inimigos te cercarão com trincheiras, te rodearão e te apertarão por todos os lados. E deitarão por terra a ti e a teus filhos que estão dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que foste visitada.*

Lamentavelmente, aqueles vaticínios se confirmaram. Recusando sua mensagem de mansuetude e paz, o judaísmo dominante acirrará cada vez mais o confronto com Roma, uma causa perdida, diante dos exércitos da invencível senhora do Mundo.

Conforme as previsões de Jesus, Jerusalém seria arrasada quarenta anos depois, pelo general romano Tito, que mais tarde seria imperador.

Não deixaria pedra sobre pedra, destruindo, inclusive, o templo, que nunca mais seria reconstruído. Os judeus seriam dispersos pelo mundo, desapareceria o Estado judeu que somente seria reinstalado em 1948, quando a ONU criou o Estado de Israel.

Infelizmente, os judeus de hoje conservam o mesmo espírito belicoso de seus ancestrais, em intermináveis disputas com os países vizinhos.

Muitas lágrimas teriam sido evitadas naquela região conturbada, se a mensagem pacificadora do Cristianismo fosse assimilada pelos descendentes de Abraão.

*** *

O cortejo que acompanhava Jesus causava grande agitação na cidade.

Aglomerava-se o povo. Perguntava-se:

- *Quem é esse homem?*

- *E o profeta Jesus, de Nazaré, na Galiléia.*

O Mestre passou pelo Templo, sempre acompanhado pela multidão.

Maravilhou a todos com seus prodígios, curando enfermos, consolando aflitos, e

causando paroxismos de fúria no pessoal do templo.

À noite, retirou-se para Betânia com os discípulos, onde pernitoiu.

Quando analisamos os acontecimentos que se precipitaram, vem a indagação:

Se Jesus tinha plena consciência de que estavam tramando sua morte, por que retornou a Jerusalém?

Não seria mais proveitoso que partisse para sua amada Galiléia, onde poderia continuar, com segurança e tranquilidade, o abençoado apostolado?

Realmente, o Mestre poderia ter vida longa, longe das maquinações dos senhores do templo.

Mas, se assim fizesse, seu trabalho ficaria incompleto.

O que deu vitalidade ao Cristianismo, e possibilitou ao movimento cristão sobrepor-se às perseguições, foi exatamente o empenho de Jesus em vivenciar seus ensinamentos, dispondo-se, para tanto, ao sacrifício da própria vida.

Sem esse testemunho final, ele teria sido apenas mais um profeta judeu.

A FIGUEIRA QUE SECOU

Mateus, 21:18-22 Marcos, 11:12-14, 20-26

Após a entrada triunfal em Jerusalém, Jesus pernitoiu em Betânia. Pela manhã retornou, em companhia dos discípulos.

Vendo uma figueira, buscou figos. Nada encontrou. Então, sentenciou:

- Nunca mais nasça de ti algum fruto!

A noite, o grupo permaneceu no Monte das Oliveiras, entre Jerusalém e Betânia.

Pela manhã, passando novamente pela figueira, os discípulos tiveram uma surpresa: secara até a raiz!

E murmuravam:

- Como aconteceu tão depressa?

Pedro, impressionado, comentou:

- Veja, Mestre, secou a figueira que condenaste!

Jesus respondeu:

- Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até se a este monte disserdes: ergue-te e precipita-te no mar, assim será feito. Por isso vos afirmo: tudo quanto pedirdes, orando com fé, crede que o recebereis.

Surpreendente o castigo imposto à árvore.

Em suas pregações, anunciando o advento do Messias, João Batista dizia que toda árvore que não produzisse bons frutos seria cortada e lançada no fogo (*Mateus, 3:10*).

Reportava-se ao mal extirpado do coração humano pelo sofrimento.

Imagem forte, mas compatível com a lógica.

Estamos sujeitos a um mecanismo de causa e efeito que faz retornar para nós o bem ou o mal que praticamos, a fim de aprendermos o que devemos e o que não devemos fazer.

Aqui é diferente.

Jesus, que sempre abençoava, tem um comportamento inusitado.

E se dirige a quem?

Ao criminoso, ao assassino, ao homem mau?

Nada disso!

Condena humilde e inocente vegetal!

Chocante, incompatível com sua grandeza, principalmente por um detalhe, conforme informa o evangelista Marcos: *não era tempo de figos*.

Bem, podemos considerar que estamos diante de uma interpolação. Esta passagem não teria acontecido. Foi enfiada nos Evangelhos, em determinada época, como censura à nação judaica, dizimada pelos romanos nos anos setenta, por não produzir frutos de adesão ao Cristianismo.

Algo semelhante ocorreria no plano individual. Quem não se convertesse corria o risco de ver secar a própria alma, que de nada mais serviria senão para arder no inferno.

Também podemos admitir que estamos diante de um simbolismo, revestido de ação dramática e chocante para melhor fixação, recurso usado, frequentemente, por Jesus.

Os discípulos jamais esqueceriam a figueira que secou, a representar as intenções e vocações não realizadas, estéreis por inércia das pessoas.

Há espíritas com grande potencial de trabalho que nunca se decidem a “arregaçar as mangas”.

Poderiam produzir frutos abençoados nas lides do Bem, mas se demoram na indiferença. Situam-se como figueiras estéreis.

Alguém dirá que não chegou a hora.

Não é bem assim. Em qualquer realização, particularmente de caráter espiritual, não há hora predeterminada.

Nós fazemos a hora, que se vincula ao exercício da vontade.

Não somos vegetais, que aguardam estação apropriada para produzir.

Seres pensantes, a consciência do dever, que nos induz a superar o comportamento egoístico, é muito mais um exercício da vontade do que uma imposição do tempo.

Espíritos há que se demoram, séculos acomodados às suas fraquezas e viciações.

Quase a totalidade da população brasileira é ligada ao Cristianismo, sejamos católicos, espíritas, evangélicos...

No entanto, estamos longe de constituir uma sociedade cristã, capaz de erradicar a fome, a miséria, a injustiça social, males que afligem tanta gente.

Por quê?

É que as pessoas não se decidem a vivenciar em plenitude os ensinamentos de Jesus, nos domínios da solidariedade.

O Espiritismo nos adverte que é preciso fazer a nossa hora - hora de trabalhar, de servir, de renovar, de ajudar, de participar...

Deveríamos perguntar, diariamente, a nós mesmos:

- Estou fazendo acontecer a construção de um mundo melhor, com o meu empenho, a minha dedicação, o meu esforço em favor do próximo?

Muito poderemos realizar, até transportar montanhas, se tivermos fé, como ensina Jesus.

Há contestadores, a proclamar que oram muito e pouco conseguem.

Equivocam-se.

Esperam que Deus ouça seus desejos.

Ignoram o principal, na oração:

Ouvir o que Deus deseja de nós.

Enquanto nossas preces exprimirem meros apelos em favor do próprio bem-estar,

experimentaremos frustrações, mesmo porque, geralmente, o que pedimos está em desacordo com o que necessitamos.

Há o doente que anseia pela cura; o homem que luta com acerbas dificuldades; o deficiente físico que busca o corpo perfeito; a mãe que deseja livrar o filho da morte...

Não obstante, enfrentam situações compatíveis com suas necessidades, em contingências, não raro, inamovíveis.

Se orarem com a mera intenção de modificar o quadro de suas provações, deixarão o santuário da oração tão infelizes quanto entraram.

Mesmo quando lidamos com situações superáveis, não podemos esperar que o Céu tudo providencie.

Deus nos inspira nos caminhos a seguir, mas não pretendamos que nos carregue no colo.

Consideremos a afirmativa de Jesus sobre o poder da fé.

Digo:

- Senhor, tenho fé em ti. Guardo a certeza de que com o teu poder, esta montanha será transportada daqui para acolá!

Espero um minuto, uma hora, um ano, uma vida...

O colosso não vai mover-se um só milímetro!

Mas, se confiante na ajuda de Deus, tomo o carrinho, a pá e a picareta, e me disponho a desmontá-la, poderá demorar algum tempo e exigir muito trabalho, mas conseguirei o meu propósito.

Deus nos dá a inspiração, a força, o equilíbrio, mas o trabalho de remover obstáculos e dificuldades, a fim de realizar nossos sonhos, é inteiramente nosso.

Recordo ilustrativo episódio de um padre francês, cuja igreja estava situada no coração de uma região outrora residencial, agora industrializada.

Muitas fábricas, nenhum morador, culto às moscas.

Era preciso transferir a igreja.

Como fazer?

Dizer ao templo: transporta-te daqui para acolá?

Pois foi exatamente o que ele fez, não por exercício de magia, mas com a fé indômita de quem confia em Deus e faz a sua parte.

Conseguiu um terreno da Prefeitura e começou a desmontar a igreja, telha a telha, tijolo a tijolo, trabalho perseverante, metódico, envolvente...

Começo difícil. Apenas ele e alguns paroquianos.

Mas a fé é um fenômeno envolvente.

Dezenas de voluntários foram atraídos por aquele padre indômito que encasquetara levar sua igreja para novo endereço.

Rapidamente, a antiga construção foi desmontada, transportada e reconstruída no local escolhido.

Admirável realização de um homem consciente de que tudo é possível quando nos dispomos a fazer o melhor, confiantes em Deus e em nós mesmos.

As vezes, artistas dotados de sensibilidade conseguem exprimir, em momentos de inspiração, a idéia mágica de que tudo depende de nós.

E disso que nos fala Ivan Lins, em famosa canção:

*Depende de nós...
Quem já foi ou ainda é criança,
Quem acredita ou tem esperança,
Quem faz tudo por um mundo melhor...
Depende de nós,
Que o circo esteja armado,
Que o palhaço seja engraçado,
Que o riso esteja no ar,
Sem que a gente precise sonhar.
Que os ventos cantem os galhos,
Que as flores bebam orvalho,
Que o sol descortine mais as manhãs.
Depende de nós,
Se este mundo ainda tem jeito,
Apesar do que o homem tem feito,
Se a vida sobreviverá.
Depende de nós...
Quem já foi ou ainda é criança,
Quem acredita ou tem esperança,
Quem faz tudo por um mundo melhor...
Depende de nós, leitor amigo!*

A propósito, permita-me uma pergunta impertinente: O que você está fazendo por um mundo melhor?

DE CESAR E DE DEUS

Marcos, 12:13-17 Lucas, 20:20-26 Mateus, 22:15-22

Crescia o prestígio de Jesus naquela semana decisiva, em Jerusalém, graças aos prodígios que operava e aos ensinamentos que ministrava.

Depois de muito discutir quanto à maneira de neutralizar sua ação, os senhores do templo articularam nova artimanha. Eram mestres na arte de sofismar, de usar raciocínios ardilosos para confundir as pessoas.

Convocaram desconhecidos discípulos da escola rabínica, bem como alguns herodianos, partidários de Herodes, o príncipe judeu que governava a Galiléia, e lhes confiaram uma missão.

Era muito simples, mas teria efeito devastador. Competia-lhes fazer uma pergunta a Jesus.

Com apenas algumas palavras haveriam de lhe destruir a reputação e o comprometeriam, irremediavelmente.

A ardilosa comitiva compareceu a uma pregação. Seus membros o ouviram atentamente, durante algum tempo e, quando surgiu o ensejo, falaram, simulando admiração:

- Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus a todos os homens, sem discriminá-los a ninguém. Dize-nos, então: que te parece, é lícito pagar o tributo a César?

Aparentemente inocente, era uma pergunta maliciosa. Qualquer resposta seria comprometedoras.

Se respondesse afirmativamente, ficaria desmoralizado junto à opinião pública.

Inconcebível pagar tributos aos dominadores romanos. Feria profundamente a consciência nacional e, por vezes, fomentava rebeliões. Como admitir o povo de Deus subjogado por aqueles gentios grosseiros e, além do mais, pagar-lhes impostos?!

Se respondesse negativamente, seria denunciado às autoridades romanas, como agitador.

Armadilha perfeita!

Mas Jesus, com a sabedoria de sempre, não se enredou.

- *Por que me experimentais, hipócritas!*

Em seguida pediu-lhes uma moeda.

Tratava-se de um denário, moeda que trazia a efígie do Tibério César, com a inscrição:

Divus et pontifex maximus (Deus e sumo sacerdote).

O fato de portarem moedas romanas bem exprimia sua hipocrisia. Os judeus as evitavam, porquanto exaltavam o imperador como um deus pagão, contrariando suas crenças.

Mostrando-lhes o denário que lhe fora entregue, perguntou Jesus:

- *De quem é esta imagem e a inscrição?*

- *De César.*

Jesus concluiu, magistralmente:

- *Pois, então, dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.*

Livrava-se do ardid aparentemente infalível com a lógica de uma resposta perfeita, que confundiu seus adversários.

A moeda tinha a efígie de César, era cunhada por César, pertencia a César...

Era, portanto, dinheiro de César.

Se os próprios inquiridores carregavam aquele dinheiro e o usavam em suas transações, implicitamente estavam aceitando a autoridade do imperador, cumprindo-lhes submeter-se às normas de Roma.

Da mesma forma, competia aos judeus pagar o *imposto divino*, o imposto devido a Deus, pelo dom da vida, a exprimir-se no empenho por cumprir sua vontade.

Desapontados, sem ter conseguido o seu intento, retiraram-se os membros da comitiva enviada pelos fariseus.

A sabedoria de Jesus não estava apenas em confundir seus opositores, livrando-se das armadilhas que forjavam..

Sempre ia além, oferecendo preciosos ensinamentos.

O cristão é chamado a cumprir os regulamentos e as leis da sociedade em que vive, não por imposição do poder civil, mas por ditame da própria consciência, tanto quanto lhe compete observar as leis divinas, praticando todo o bem e evitando todo o mal.

Questiona-se:

Devemos sempre respeito a César?

Não será lícito deixar de cumprir uma lei, quando fere nossos interesses?

Sob o ponto de vista evangélico, a resposta é negativa, porquanto, não obstante previsíveis limitações e falhas, as leis humanas representam um empenho de organização da vida social.

Se cada indivíduo faz as suas próprias leis, agindo de conformidade com suas conveniências, estaremos regredindo à barbárie.

E há um detalhe: quanto maior o desrespeito às leis, mais severas elas se tornam. As pessoas alegam que sonégam impostos porque são muito pesados. O governo faz impostos pesados para compensar a sonegação.

Só há uma situação em que somos chamados à desobediência civil: quando as autoridades nos imponham um comportamento que colide com as leis divinas.

Um militar esteve ligado aos meandros escuros do golpe militar de 1964, situando-se como inquisidor de presos políticos. Torturava-os impiedosamente para arrancar-lhes confissões.

Quando lhe perguntaram se tinha remorsos, respondeu que não, porquanto apenas cumpria ordens.

E onde escondeu sua humanidade, o respeito ao próximo, à integridade física das pessoas, princípios elementares que devem estar presentes naqueles que se arvoram em defensores da Lei?

Certamente responderá por isso.

A intervenção dos Estados Unidos no Vietnã só acabou quando a juventude do país se mobilizou, recusando-se a participar daquela guerra suja, que, a pretexto de exaltar o direito e a justiça, apenas defendia os interesses americanos na região.

Freqüentemente, quando há iniciativas governamentais que mexem com nosso bolso, ouvimos as pessoas dizerem que os governantes são uns ladrões e que deveriam ser todos fuzilados.

Não obstante, jamais moralizaremos um país apelando para a agressividade. As soluções violentas para os problemas sociais, envolvendo revo-luções, guerras, guerrilhas, terrorismo, sempre resultaram em problemas maiores.

Os contestadores de hoje, sempre que apelam para a violência, se vitoriosos, serão os gestores de regimes indignos amanhã.

Acontece desde sempre.

Há ilustrativo axioma:

Cada povo tem o governo que merece.

Sejam quais forem as condições em que assumiram o poder, os governantes são apenas representações das tendências do povo que governam.

A Alemanha de Adolfo Hitler surgiu como a materialização dos impulsos belicosos e das pretensões de superioridade racial do povo alemão.

Por isso, estaremos sempre promovendo uma inversão de valores, se pretendermos um bom governo para ter um povo bom.

Primeiro, trabalhem por ser um bom povo, de cidadãos conscientes, participativos, observando as leis divinas para que Deus esteja presente nas leis de César.

OS QUE NAO PODEM MAIS MORRER

Mateus, 22:23-33 Marcos, 12:18-27 Lucas, 20:27-40

Os saduceus constituíam uma casta de intelectuais com idéias singulares sobre religião.

Admitiam apenas a Lei Mosaica, formada pelos cinco primeiros livros do Velho Testamento - Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Poderíamos defini-los como *teístas materialistas*. Acreditavam em Deus, mas não aceitavam a imortalidade da alma. Para eles tudo terminava na sepultura.

Assim como os fariseus, implicavam com Jesus. Não perdiam oportunidade de criar-lhe embaraços.

Com a deliberada idéia de confundi-lo, um deles fez uma pergunta sarcástica, que hoje definiríamos como gozação, sobre a vida além-túmulo, tola fantasia para eles.

- *Se um homem morrer, sem deixar filhos, seu irmão casará com a viúva e dará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro, depois de casado, morreu, e não havendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão. Do mesmo modo, o segundo, o terceiro, até o sétimo. Depois de todos eles, morreu a mulher. De qual dos sete será ela a mulher, na vida espiritual, pois todos se casaram com ela?*

Para entender a questão proposta é preciso lembrar uma disciplina judaica: o levirato.

Se um homem morresse, sem deixar filhos, seu irmão deveria casar-se com a viúva, a fim de gerar descendência.

Tal orientação poderia ser indesejável.

Imaginemos que a cunhada fosse mais velha, de poucas virtudes e muitos defeitos...

Mas, ai dele se não aceitasse!

Seria levado a explicar-se diante dos anciãos.

Se insistisse na negativa, a viúva seria orientada a drástica medida: tiraria as sandálias de seus pés e lhe cuspiria no rosto.

Desde então, *do descalçado* seria a sua casa.

Diríamos *desgraçado*. Caíra em desgraça.

Questão de perspectiva.

A seus olhos, a desgraça poderia estar naquele casamento indesejável.

O levirato tinha sua razão de ser. Importante

favorecer a prole. A nação judaica precisava de guerreiros para defender-se de seus inimigos.

Inconcebível uma mulher sem filhos. Se viúva, que o cunhado resolvesse.

A mulher estéril ficava em situação difícil.

O marido poderia dispensá-la ou constrangê-la a coabitar com outra.

Hoje há outra mentalidade.

A não ser em culturas retrógradas, concebe-se que o casamento não deve atender aos interesses do Estado, mas às razões do coração.

Questão proposta, responde Jesus:

- *Os filhos deste mundo se casam e dão-se em casamento; mas aqueles que forem julgados dignos de alcançar a eternidade não se casam nem se dão em casamento, pois não podem mais morrer, porquanto são iguais aos anjos do Céu.*

Curiosa observação - *não podem mais morrer!*

Então, há os que morrem mais de uma vez?

Como é possível?

Simples, leitor amigo: na reencarnação!

Experimentamos incontáveis mortes no desdobrar das vidas sucessivas.

O Espírito reencarna: morre para o plano espiritual.

O Espírito desencarna: morre para o plano físico.

Nascemos e morremos, reencarnamos e desencarnamos, renascemos e “remorremos”, indefinidamente, até atingirmos um desenvolvimento que nos habilite a viver em altos planos do Infinito.

Consideremos o Espírito puro, na plenitude de suas potencialidades:

Não se liga a alguém - o amor romântico.

Nem a alguns - o amor família.

Liga-se a todos - o amor universal!

Seu lar - o Universo!

Seu romance.- a Vida!

Sua família - os filhos de Deus!

Até chegarmos a esse estágio, teremos milênios pela frente, em permanente aprendizado nas lides humanas e, vezes sem conta, experimentaremos a morte.

Deixando de lado o levirato, que já não é observado, para alívio de cunhados ameaçados, poderíamos formular pergunta semelhante:

À luz da Doutrina Espírita, com quem ficará o indivíduo que foi casado sete vezes?

Bem, consideremos, em princípio, que dificilmente alguém se casaria tantas vezes por viuvez, a não ser o Barba-azul, na história famosa de Charles Perrault, em *Contos da Carochinha*. Matou seis esposas e preparava-se para liquidar a sétima, quando foi morto pelos irmãos dela.

As pessoas costumam agir de forma mais civilizada.

O casamento pode converter-se num campo de batalha.

Marido e mulher talvez desejem, em determinados momentos, que o cônjuge vá “para o diabo que o carregue”.

Mas não chegam a consumir o *conjugecídio*.

Matam o casamento, o que é freqüente nestes .tempos de liberdade sexual confundida com libertinagem, de casamentos apressados e separações apazadas.

Por isso há pessoas que se casam quatro, cinco, seis, sete vezes, consagrando o casamento descartável. Podemos até estabelecer uma seqüência de motivações para essas uniões efêmeras:

Primeiro casamento:

Triunfo do amor sobre a inseqüência.

E o atestado de confiança na legitimidade da ligação.

Felizes para sempre! Juntos até que a morte os separe!

Não dá certo!

Brigas, discussões, desentendimentos... Separam-se. A culpa é do outro.

Segundo casamento:

Triunfo da esperança sobre a experiência.

Desta vez será diferente.

Felizes para sempre! Juntos até que a morte os separe!

Não dá certo!

Brigas, discussões, desentendimentos... Separam-se. A culpa é do outro.

Terceiro casamento:

Triunfo da obstinação sobre a incompetência. Finalmente, vamos acertar!

Felizes para sempre! Juntos até que a morte os separe!

Não dá certo!

Brigas, discussões, desentendimentos... Separam-se. Já não pode culpar o cônjuge.

O problema está com ele, a exprimir-se em instabilidade emocional e despreparo para assumir responsabilidades conjugais.

Com quem ficará na vida espiritual?

Certamente, com ninguém!

Fará um estágio no umbral, o purgatório espírita, onde terá a oportunidade de refletir sobre sua frivolidade.

E dentro da normalidade, aquele que, em virtude do falecimento do cônjuge, casou-se mais de uma vez e deu-se muito bem? Com quem ficará na vida espiritual?

Ficará com aquele ao qual mais se afinar, desde que ambos se habilitem a viver no mesmo plano.

Na Terra temos uniões envolvendo Espíritos em estágios de evolução diferentes, unidos, em princípio, pelo mistério do amor, que opera o prodígio de misturar vinagre com azeite.

Na espiritualidade prevalece a lei do merecimento, situando cada Espírito em plano compatível com suas conquistas espirituais.

O ideal de estarem juntos em cidades como *Nosso Lar*, a Shangrilá espírita, onde todos são felizes para sempre, só será alcançado por casais harmonizados, que olharam na mesma direção, que cultivaram os mesmos ideais de renovação e trabalho no campo do Bem, dispostos a alcançar os planos celestes, onde vivem os que não mais experimentam a morte.

O MANDAMENTO MAIOR

Mateus, 22:34-40 Marcos, 12:28-34

Primeiro os herodianos, depois os saduceus, a fazerem perguntas impertinentes a Jesus, tentando compro-metê-lo ou ridicularizá-lo.

Chegara a vez dos fariseus, os membros mais proeminentes do judaísmo. Um deles, que era doutor da lei, um escriba, alguém versado nas escrituras sagradas, perguntou-lhe:

- *Mestre, qual é o maior mandamento da lei?*

Reportava-se aos princípios instituídos por Moisés. Eram numerosos, mais exatamente seiscentos e treze.

Duzentos e quarenta e oito positivos, *o que fazer*. Trezentos e sessenta e cinco negativos, *o que não fazer*.

As crianças aprendiam essas regras desde as primeiras letras, nas sinagogas. Fazia parte da educação.

Todo judeu integrado na atividade religiosa deve pronunciar esses mandamentos duas vezes ao dia, pela manhã e ao anoitecer. Obviamente, não todos, mas um conjunto deles. De tal forma que acabam sendo decorados.

Concebiam-se que todos eram igualmente importantes, não devendo existir destaque para nenhum.

Talvez quisesse o fariseu testar os conhecimentos de Jesus ou induzi-lo a uma resposta que o comprometesse, como, por exemplo, proclamar que nada tinha validade, a partir da revelação de que era portador.

Jesus respondeu:

“Amarás o Senhor teu Deus, de toda alma, de todo o teu coração, de todo o teu entendimento

- Este é o primeiro e grande mandamento da Lei. E há o segundo, semelhante ao primeiro:

“Amarás o teu próximo como a ti mesmo

- Nestes dois mandamentos estão a Lei e os Profetas.

A primeira citação está em *Deuteronômio* (6:5). A segunda, em *Levítico* (19:18).

Foi um dos grandes momentos do apostolado de Jesus.

Demonstrando, como sempre, perfeito conhecimento das escrituras sagradas, retirou dois mandamentos da legislação mosaica e os situou como a síntese do *Velho Testamento* e a base fundamental para a construção do Reino de Deus.

O escriba admirou-se:

- Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus, e que não há outro além dele. Amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma e de todas as forças, e amar ao próximo como a si mesmo, excede a todos os holocaustos e sacrifícios.

O culto judeu era constituído de cerimônias variadas, marcadas por duas iniciativas: .

- Holocausto - o sacrifício de aves e animais, como homenagem à divindade.
- Sacrifícios - privar-se de algo, como a abstenção de alimentos, o jejum.

Ao dizer que o amor a Deus e ao próximo são os mais importantes, o escriba revela ter entendido bem a mensagem e concordado com ela, o que levou Jesus a dizer-lhe:

- Não estás longe do Reino de Deus.

Proclamando que os dois mandamentos se equivalem, Jesus deixa bem claro que amar a Deus é, também, amar o próximo, ou que para amar a Deus é preciso amar o próximo.

Mil demonstrações de apreço por um pai serão insignificantes, diante de um gesto de bondade dirigido a seu filho. E nos dá a medida exata com a qual devemos amar o próximo para que estejamos amando a Deus:

Como a nós mesmos!

Talvez seja essa a razão pela qual não amamos o próximo.

É que não amamos a nós mesmos.

. A característica fundamental de nossa personalidade é o egoísmo. Com ele pode haver paixão, mas dificilmente haverá lugar para o amor.

Há diferença abismal entre ambos.

A paixão situa-se nos domínios do instinto.

Busca apenas a auto-afirmação, o prazer a qualquer preço, sem perspectivas mais nobres, sem cogitações além da hora presente.

O amor situa-se nos domínios do sentimento e só se realiza com o bem que possa estender ao ser amado.

É por estar apaixonado por si mesmo que o indivíduo se entrega ao vício e ao desregramento.

É por estar apaixonado por si mesmo que caminha pelas estradas da vida como um cego, a tropeçar nas pedras do caminho.

E por estar apaixonado por si mesmo que se comporta como uma criança indisciplinada, a bater os pezinhos porque não lhe deram o brinquedo desejado, porque a Vida não atendeu às suas reivindicações.

Em lugar dessa paixão desvairada por nós mesmos, que tanto nos compromete, somos convocados a edificar o amor.

Para isso estamos encarnados num planeta de matéria densa, enfrentando dificuldades e limitações que atuam como lixas grossas a desbastar nossas imperfeições mais grosseiras, a começar pelo egoísmo. .

Não é fácil, porquanto está tão entranhado em nós que, geralmente, julgamos estar amando, quando, na verdade, estamos apenas sendo egoístas, preocupados com o próprio bem-estar, com a satisfação de desejos que não guardam compatibilidade com o bom senso, nem atendem aos desígnios divinos.

Certa feita, conversei com um homem que estava prestes a deixar a esposa e três

filhos, a fim de ligar-se a uma mulher que, por sua vez, abandonaria o marido e dois filhos.

Tentei dar-lhe consciência da loucura que estava preste a consumir. Respondeu-me:

- Já fiz muito por minha família. Agora vou cuidar um pouco de mim mesmo. Tenho o direito de ser feliz.

Pobre tolo! Não sabe que jamais alguém construirá a própria felicidade em cima da infelicidade alheia, principalmente envolvendo duas famílias e tantos filhos.

Poderá, em princípio, sob império do sexo, na exaltação dos sentidos, achar que foi a melhor decisão de sua vida.

Mas, quando arrefecer a paixão e cair em si, amargo será o seu despertar, reconhecendo que apenas complicou seu destino e que tanto ele quanto sua parceira serão chamados a responder por todo o sofrimento imposto às duas famílias.

Em *O Livro dos Espíritos*, na questão 913, interroga Allan Kardec:

Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical?

Responde o mentor:

Temo-lo dito muitas vezes: o egoísmo.

Daí deriva todo o mal.

Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo.

Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhe houverdes destruído a causa.

Tendam, pois todos os esforços para esse efeito, porquanto aí é que está a verdadeira chaga da sociedade.

Quem quiser, desde esta vida, ir aproximando-se da perfeição moral, deve expurgar o seu coração de todo sentimento de egoísmo, visto ser o egoísmo incompatível com a justiça, amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades.

Ao comentar o assunto, Kardec acentua:

O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade o é de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra,, tal deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se quiser assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no outro.

A partir dessas observações, Kardec instituiria como bandeira da Doutrina Espírita a máxima:

Fora da Caridade não há salvação.

QUEM PAGA?

Marcos, 12:41-44 Lucas, 21:1-4

No Pátio das Mulheres, no templo, em Jerusalém, havia as treze arcas do tesouro, com o formato de chifre de carneiro, onde os judeus depositavam suas contribuições.

Fazia parte do culto. Indeclinável dever.

Em companhia dos discípulos, Jesus observava o movimento, envolvendo pessoas de todas as camadas sociais.

Os mais ricos efetuavam contribuições maiores, não raro de forma ostensiva. Alguns trocavam determinada importância por muitas moedas, de ínfimo valor. Tilintavam ao ser despejadas.

O objetivo era alardear a contribuição, como se dissessem:

- Vejam como sou generoso!

Jesus ensinava que pessoas assim não se habilitam às dádivas celestes.

Já receberam sua recompensa - satisfazer à própria vaidade.

Surgiu, em dado instante, uma senhora vestida com simplicidade, uma viúva pobre. Acercou-se, discretamente, e depositou algumas moedas, valor insignificante.

Depois se misturou, incógnita, à multidão.

Jesus, que a observava, disse aos discípulos:

- *Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu mais do que todos os ofertantes. Estes deram do que lhes sobrava, ao passo que ela, na sua pobreza, deu tudo o que possuía, tudo o que lhe restava para o seu sustento.*

O episódio evoca assunto controvertido - a contribuição para os serviços religiosos.

A manutenção de uma igreja católica, um templo evangélico, um centro espírita, envolve despesas relacionadas com água, luz, telefone, funcionários de limpeza, zelador, impressos...

Quem paga?

Obviamente, o adepto, o participante, o beneficiário...

Tomo por referência o Centro Espírita Amor e Caridade, de Bauru. Além do salão de reuniões para seiscentas pessoas, há dezenas de salas usadas em cursos, evangelização infantil, mocidade, tratamentos espirituais, reuniões mediúnicas, estudos, seminários...

Só para limpeza e manutenção dessas dependências há oito funcionários.

Isso tudo implica despesas.

A contribuição dos frequentadores, portanto, não configura favor, nem exercício de generosidade.

E dever elementar!

Todos estimamos o lazer e pagamos por ele - televisão, vídeo-locadora, cinema, tv a cabo, clube social, passeios, festas, viagens, esporte...

Razoável que destinemos valor equivalente para algo muito mais importante - as atividades relacionadas com nossa edificação espiritual.

Há outro detalhe:

O Centro Espírita empenhado em vivenciar os ideais espíritas fatalmente vincula-se ao serviço social, exercitando o espírito de serviço.

Creches, berçários, albergues, hospitais, escolas, núcleos de assistência à família, à gestante, ao presidiário, ao enfermo, proliferam sem cessar na Seara Espírita, favorecendo a formação de uma mentalidade solidária, alicerce básico para que se instale na Terra o desejado Reino de Deus.

Evidentemente, para que cumpram suas finalidades necessitam de recursos financeiros.

Lamentavelmente, sob inspiração do egoísmo, que nos faz subestimar nossos recursos e superestimar nossas necessidades, nunca há sobras, *aparentemente*.

Certa feita, um companheiro solicitou donativo a rico industrial, para a construção de um núcleo assistencial de periferia.

Muito sério, respondeu:

- Acho esse trabalho importante e meritório. Infelizmente, não poderei ajudar. Estou envolvido em investimento de milhões. Não tenho um centavo disponível...

Outro, comerciante bem posto, recusou-se porque estava planejando viagem ao exterior com a família.

- Vou gastar muito. Preciso economizar...

Quanto mais se tem, menos sobra.

Por isso Jesus diz: o importante é dar o que, supostamente, nos fará falta.

Felizes aqueles que, à semelhança da viúva pobre, revelam desprendimento para dar o que *realmente* lhes é necessário.

A experiência demonstra que a pessoas assim nunca faltarão meios de subsistência.

Afinal, como ensina velho aforismo:

Quem dá aos pobres, empresta a Deus.

O DISCÍPULO ILUDIDO

Mateus, 26:1-5, 14-16 Marcos, 14:1-2, 10-11 Lucas, 22:1-6

Consciente do que o aguardava, dizia Jesus aos discípulos:

- Sabeis que daqui a dois dias acontecerá a Páscoa e o filho do Homem será entregue para ser crucificado.

A idéia de que deveria ser eliminado tomara corpo junto à cúpula do judaísmo. Que fosse submetido a sumário julgamento e condenado à morte, imprimindo-se foro de legalidade à criminosa iniciativa.

A providência inicial, sua prisão, deveria ocorrer de forma discreta. O profeta galileu contava com a simpatia do povo. Beneficiara muita gente. Não seria prudente qualquer ação passível de gerar tumultos, com sérios embaraços junto às autoridades romanas.

Foi quando entrou em cena Judas. Espontaneamente, procurou os sacerdotes, oferecendo-se para entregá-lo aos seus algozes, na calada da noite, em local ermo.

Enigmática figura. Pouco se sabe dele, além do fato de que o chamavam Iscariotes, para distingui-lo de outro discípulo, Judas Tadeu. O sobrenome indicava sua naturalidade: Queriotote, na Judéia. Não era, portanto, galileu, como os companheiros.

Tendo exercido a profissão de comerciante, fora encarregado de controlar a economia do grupo, cuidando do dinheiro.

A tradição o situa como mesquinho e avaro, mas é difícil conceber que Jesus tenha convocado para seu círculo íntimo alguém com esse perfil. Provavelmente, essa concepção surgiu posteriormente, inspirada na indignação da comunidade cristã, em face de sua lamentável iniciativa.

Judas teria vendido Jesus por trinta dinheiros. Equivalia ao salário mensal de um trabalhador braçal, quantia insignificante, que de modo algum justificava a traição. Bem mais poderia subtrair das economias do grupo, se o desejasse.

Há quem diga que o apóstolo o fez movido pelo ressentimento. Jesus o teria criticado por sua avareza. Esse argumento carece de fundamento, porquanto havia um clima de cordialidade no colégio apostólico. As admoestações do Mestre eram sempre carinhosas, sem o caráter de agressividade que justificasse tão maldosa iniciativa.

Alguns cronistas vêem em Judas um mau caráter, mas peça indispensável no Drama do Calvário, que exigia um traidor, à semelhança das tragédias gregas. As forças do destino o teriam colocado naquela posição, em que fatalmente cederia às próprias fragilidades.

Essa idéia parece-me inconsistente. Seria o mesmo que justificar as atrocidades de um facínora que mata muita gente, situando-o como um instrumento de Deus, porque suas vítimas assim devem morrer.

Por outro lado, Judas me parece personagem secundária, pouco mais que um figurante. Se o eliminarmos, nada se perderá, em substância e dramaticidade, nos acontecimentos que marcaram o final do apostolado messiânico, mesmo porque ele não foi o

único traidor.

Quase todos os que cercavam Jesus traíram sua confiança, na medida em que se omitiram.

O colégio apostólico desagregou-se.

Os simpatizantes de sua doutrina permaneceram longe.

Nem mesmo os ex-cegos, mudos, paralíticos, surdos, beneficiados por suas mãos abençoadas, estiveram presentes.

O medo foi mais poderoso e convincente do que o dever, a amizade, a gratidão! O medo nivelou todos, situando-os por indignos beneficiários daquele homem admirável, que, mesmo ante as perspectivas da morte degradante, não perderia, por um instante sequer, a serenidade que marcava seu comportamento.

Só há uma maneira de desvendar as motivações de Judas: ouvir o seu próprio testemunho.

Em 1937, em pleno apogeu de sua produção mediúnica, Francisco Cândido Xavier psicografou o livro *Crônicas de Além-Túmulo*, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, famoso e querido escritor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

O autor descreve, num dos capítulos, a viagem que fez a Jerusalém, sonho acalentado por muitos cristãos. Transitar pelos lugares sagrados, pisar o mesmo solo por onde andou Jesus.

Idosa senhora desejava, ardentemente, realizar essa peregrinação. O marido, um tanto preocupado com o clima de beligerância entre árabes e judeus, e bem mais com a preservação de suas economias, procurava contornar a situação.

- Vamos esperar um pouco. Viajaremos de graça.

Ela se animou:

- Verdade! Alguma promoção?

- Não, meu bem. E que dentro de alguns anos nos livraremos da carcaça de carne.

Invisíveis, ninguém nos verá no avião...

Bem, não sabemos se Humberto de Campos viajou de carona, ou volitando, como o fazem os Espíritos que já se desvencilharam do lastro pesado das paixões humanas...

O fato é que lá esteve, certa noite. Com a sensibilidade dos desencarnados, experimentou, emocionado, a vibração que ainda pairava sobre aqueles lugares santos, onde Jesus dera seus gloriosos testemunhos.

Em dado momento, viu um Espírito em atitude meditativa. Irradiava cativante simpatia.

Alguém informou: era Judas.

Humberto não resistiu. Aproximou-se e, após apresentar-se, fez a pergunta que todos gostaríamos de formular:

- *E verdade tudo quanto reza o Novo Testamento a respeito de sua personalidade, na tragédia da condenação de Jesus?*

Judas respondeu que em nenhum momento pensou em dinheiro. Era um apaixonado pelas idéias socialistas de Jesus. Sem entender os fundamentos do Evangelho, pensava mais em termos políticos. Não acreditava que, com sua mansuetude e o santo horror à violência, o Mestre conseguisse algo de produtivo. Imperioso conquistar o poder, a partir de enérgicas iniciativas.

Planejou, então, uma revolução, colocando Jesus em plano secundário. Imaginava que sua prisão provocasse uma reação popular. Com o concurso de colaboradores afinados com suas convicções, aproveitaria o ensejo e alcançaria seus objetivos, envolvendo a

multidão.

Jamais poderia imaginar o rumo que os acontecimentos tomaram. Após a tragédia, ralado de remorsos, concluiu que o suicídio era a única maneira de redimir-se.

Judas foi um idealista transviado, a imaginar que seria possível eliminar as diferenças sociais e as injustiças em bases de violência.

Humberto de Campos lhe perguntou se o suicídio teria sido suficiente para redimi-lo.

Judas explicou que o remorso fora apenas uma providência preliminar, em face da reparação que lhe competia. Durante séculos padeceru, em múltiplas encarnações, o sofrimento expiatório. Foi cristão em existências que se sucederam. Sofreu horrores nas perseguições aos adeptos do Cristianismo.

Seus tormentos culminaram numa fogueira inquisitorial, quando também foi *traído, vendido e usurpado*, isto já em pleno século XV, quando fechou o ciclo de suas reencarnações expiatórias, com o perdão da própria consciência.

Humberto de Campos lhe perguntou se estava ali meditando sobre os dias passados.

- Sim, estou recapitulando os fatos como se passaram. E agora, irmanado com Ele, que se acha no seu luminoso Reino das Alturas, que ainda não é deste mundo, sinto nestas estradas o sinal dos seus passos divinos. Vejo-o ainda na cruz, entregando a Deus o seu Destino... Sinto a clamorosa injustiça dos companheiros que o abandonaram inteiramente e me vem uma recordação carinhosa das poucas mulheres que o ampararam no doloroso transe. Em todas as homenagens a ele prestadas, eu sou sempre a figura repugnante do traidor. Olho complacentemente os que me acusam sem refletir se podem atirar a primeira pedra... Sobre o meu nome pesa a maldição milenária, como sobre estes sítios cheios de miséria e de infortúnio. Pessoalmente, porém, estou saciado de justiça, porque já fui absolvido pela minha consciência, no tribunal de suplícios redentores.

— Quanto ao Divino Mestre - continuou Judas com seus prantos - infinita é a sua misericórdia, e não só para comigo, porque, se recebi trinta moedas, vendendo-o aos seus algozes, há muitos séculos Ele está sendo criminosamente vendido no mundo, a grosso e a retalho, por todos os preços, em todos os padrões do ouro amoedado...

Um dia, quando as faculdades psíquicas humanas estiverem mais desenvolvidas, permitindo o acesso aos arquivos espirituais, que registram os eventos humanos, teremos uma historiografia espírita.

Reescreveremos a História a partir das informações que emanam da Espiritualidade, com uma visão objetiva de como as coisas aconteceram, realmente.

Então, a figura de Judas deixará de simbolizar o traidor execrável que vendeu seu mestre por dinheiro. Saberemos que foi o discípulo iludido, que pretendeu construir o Reino dos Céus à sua moda.

Em seu favor, como ele próprio destaca, devemos lembrar que Jesus continua sendo traído por incontáveis religiosos que sustentam inconcebível coexistência entre os ideais cristãos e suas mazelas.

Era chegado o tempo dos testemunhos, em que o Filho do Homem seria glorificado pelo martírio, segundo suas previsões.

Conforme a parábola, o grão de trigo deveria morrer, para multiplicar-se em bênçãos de renovação em favor da Humanidade.

Seriam momentos decisivos para a própria sorte do Cristianismo, marcados pela fidelidade de Jesus à mensagem que transmitira ao longo de três anos.

É uma outra história...

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

- Comentários em torno de "As Leis Morais",
3a. parte de O Livro dos Espíritos.*
Editora: CEAC
09 - UMA RAZÃO PARA VIVER 1989
Iniciação espírita.
Editora: CEAC
10- UM JEITO DE SER FELIZ 1990
*Comentários em torno de "Esperanças e Consolações",
4a. parte de O Livro dos Espíritos.*
Editora: CEAC
11- ENCONTROS E DESENCONTROS 1991
Histórias.
Editora: CEAC
12- QUEM TEM MEDO DOS ESPÍRITOS? 1992
*Comentários em torno de "Do Mundo Espírita e
dos Espíritos", 2a. parte de O Livro dos Espíritos.*
Editora: CEAC
13- A FORÇA DAS IDÉIAS 1993 *Pinga-fogo literário sobre temas de atualidade.*
Editora: O Clarim
14 - QUEM TEM MEDO DA OBSESSÃO? 1993
Estudo sobre influências espirituais.
Editora: CEAC
15- VIVER EM PLENITUDE 1994
*Comentários em torno de "Do Mundo Espírita e dos Espíritos", 2a. parte de O Livro
dos Espíritos.*
Seqüência de Quem Tem Medo dos Espíritos?
Editora: CEAC
16- VENCENDO A MORTE E A OBSESSÃO 1994
*Composto a partir dos textos de Quem Tem Medo da Morte? e Quem Tem Medo da
Obsessão?*
Editora: Pensamento
17- TEMPO DE DESPERTAR 1995 *Dissertações e histórias sobre temas de
atualidade.*
Editora: FEESP
18- NÃO PISE NA BOLA 1995
Bate-papo com jovens.
Editora: O Clarim
19- A PRESENÇA DE DEUS 1995 *Comentários em torno de "Das Causas
Primárias",
1a. parte de O Livro dos Espíritos.*
Editora: CEAC
Histórias e dissertações sobre temas de atualidade.
Editora: CEAC

A vida de Jesus, últimos tempos de apostolado.
Editora: CEAC

